

Uma leitura da recepção de Fernando Pessoa: Petrus na Colecção de António Júlia Miranda

Rui Sousa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Petrus, recepção, Maçonaria, paganismo.

Resumo

Ao longo de quase duas décadas, Petrus (Pedro Veiga) desenvolveu um amplo trabalho antológico e crítico em torno da obra de Fernando Pessoa. Neste texto, será privilegiado o modo como Petrus, muitas vezes dialogando polemicamente com outros leitores de Pessoa, construiu uma leitura da liberdade plural do poeta na qual as diversas componentes da obra participam activamente. Ao isolar Pessoa do seu contexto geracional, recusando também a sua filiação aos movimentos totalitários do seu tempo, Petrus encontrou na peculiaridade da leitura pessoana do Liberalismo e do Paganismo uma alternativa produtiva para a descrição do seu encontro com as raízes mais profundas da cultura europeia.

Keywords

Fernando Pessoa, Petrus, reception, Freemasonry, paganism.

Abstract

For almost two decades, Petrus (Pedro Veiga) developed a massive anthological and critical project concerning Fernando Pessoa's work. This paper focuses on how Petrus, sometimes in polemic dialogue with other important Pessoa's critics, has produced an original perspective of Pessoa's plural idea of freedom, taking into account the diverse components of his work. Isolating Pessoa from his generation and refusing the identification between the poet and the totalitarian political movements of his time, Petrus has found in Pessoa's singular interpretations of Liberalism and Paganism an important way to connect Pessoa with deep roots of European culture.

* Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

Fernando Pessoa e a Renovação Democrática, 1912 e 1932, são assim, quer queiram quer não, dois marcos que ficam na história portuguesa a representar duas vozes que protestam e dois valores que erguem em Portugal a bandeira da Liberdade, isto é, duas forças que pretendiam viver em Liberdade num país em que não havia, e que para sempre perdeu, o direito à Liberdade!

PETRUS (1982: 19)

1. Petrus na colecção de António Júlia Miranda

Como salientámos no número anterior da *Pessoa Plural*, no qual foi apresentada a importante componente pessoana da vasta biblioteca construída ao longo de décadas por António Júlia Miranda, uma das grandes imagens de marca do conjunto é a conjugação notável entre o entusiasmo permanente por Pessoa e o conhecimento aprofundado das muitas vias de acesso ao seu universo. Em alguns casos, é expressivo o interesse e a curiosidade por nomes fundamentais no quadro de um labor sistemático que foi permitindo interpretações e avanços editoriais decisivos, alguns dos costumam ser menos conhecidos pelos estudiosos de Pessoa.¹

Um dos casos mais significativos é o de Petrus, nome de guerra pelo qual ficaria conhecido Pedro Veiga, um dos mais audazes e empenhados divulgadores da produção dispersa ou desconhecida do poeta, ao longo das décadas de 1950 e de 1960. Num momento em que as leituras de Pessoa se desenvolviam em grande medida em torno do impacto da primeira edição sistemática da sua obra, iniciada em 1942 através das Edições Ática, e em que uma série de vertentes da sua obra continuavam por revelar, contrariando alguns lugares comuns, como o que associava Pessoa ao regime vigente, Petrus procurou construir uma verdadeira revisão crítica do lugar do autor de *Mensagem* no quadro da cultura portuguesa mas, também, no âmbito de uma mais vasta perspectiva do pensamento pessoano em face da civilização europeia.

Nas dezenas de livros integralmente dedicados a criações pessoanas ou nos quais alguns textos marcam presença, publicados pelos próprios meios e num circuito restrito e que poderia dizer-se parcialmente clandestino, saltam à vista algumas das virtudes que singularizam Petrus e o situam como um nome fundamental numa cronologia adequada da evolução dos discursos crítico e

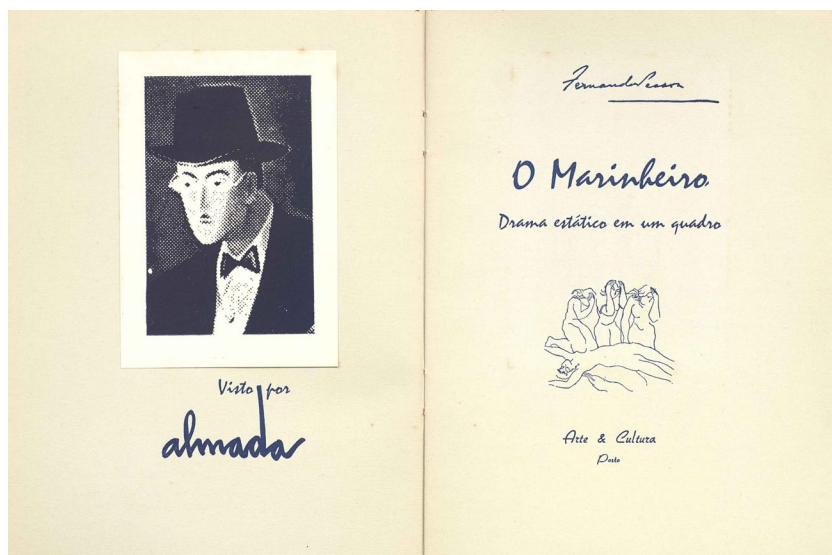
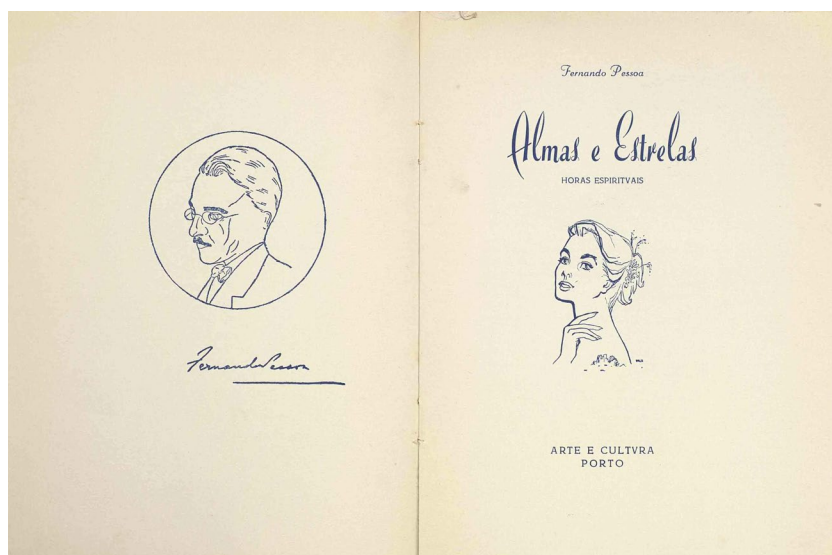
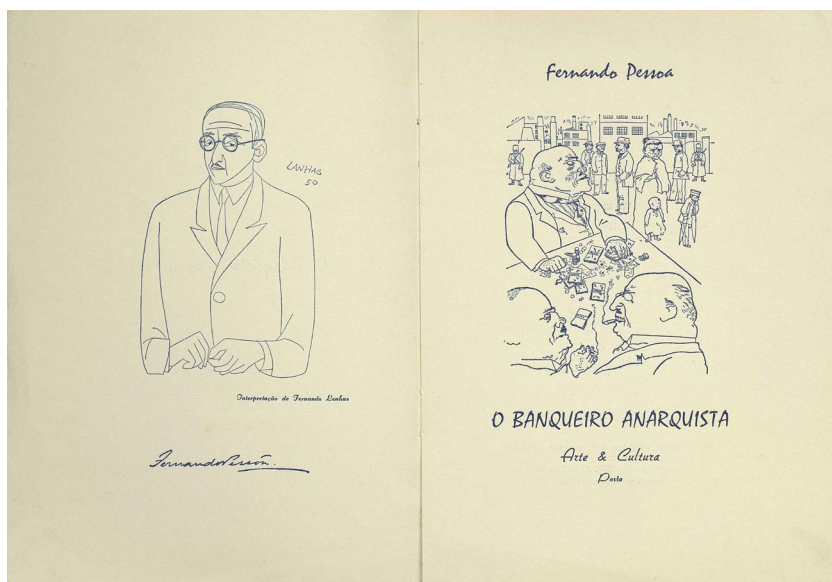
¹ Este trabalho contou com a colaboração activa e entusiasta de pessoas e instituições às quais quero deixar o meu agradecimento. Dedico-o, pois, a Jerónimo Pizarro, principal coordenador dos trabalhos realizados em torno da Coleção de António Júlia Miranda; a Ernesto Rodrigues, Teresa Martins Marques e Luís Pinheiro, cujo incentivo e paciência me permitiram concluir a pesquisa em condições; a José António Miranda, em nome da família mas sobretudo a título pessoal, pelo generoso acolhimento e pelos diálogos sempre lúcidos e provocatórios que fomos mantendo, também em torno da excêntrica figura livre que foi Petrus; finalmente, à Biblioteca de Santo Tirso, em particular a Gisela Sá, sempre disponível para colaborar connosco na exploração da galáxia notável que a *Pessoa Plural* tem dado a conhecer. Como sempre, dedico também todos os passos desta caminhada incerta aos meus Pais.

editorial em torno de Pessoa: o conhecimento dos trabalhos desenvolvidos anteriormente ou daqueles que foram dados a conhecer paralelamente ao seu projecto pessoal, de que são exemplos o confronto com as edições da Ática, as menções à biografia de João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História de uma Geração* (1950) ou o recurso aos textos revelados por Maria Aliete Galhoz, na recolha *Obra Poética* (1960); o confronto polémico com as leituras predominantes, nomeadamente em torno da pouca atenção votada às produções que transcendiam o universo poético do ortónimo e dos heterónimos e da consequente interpretação equivocada das posições políticas de Pessoa, revelando-se por vezes através do diálogo directo com personalidades como Adolfo Casais Monteiro (cf. MORAIS, 2014: 93-94); e, finalmente, a originalidade da abordagem, que não se limita a editar textos de forma mais ou menos anárquica e inócua, procurando sempre esclarecer, iluminar ou partir para novas conjugações e ângulos de análise, alguns dos quais ainda hoje com grande pertinência e actualidade, acompanhando importantes avanços críticos dados a conhecer nos últimos anos com base em textos aos quais Petrus nunca pôde ter acesso.

É precisamente em função das interpretações pessoais de Petrus que este texto se desenvolverá. Obviamente, um trabalho sistemático de quase duas dezenas de livros, iniciado em 1950, com as edições de *O Encoberto* e de *Á Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*, e que se prolongou até 1966, com *O Banqueiro Anarquista*, *O Marinheiro* e *Almas e Estrelas: Horas Espirituais* (cf. Figs. 1, 2 e 3), nunca poderia ser percorrido na sua amplitude e diversidade num único esforço de exegese crítica, mesmo se esta se focasse numa apresentação sumária de cada livro.

Deve reforçar-se, desde logo, que as intervenções de Petrus passam por vertentes como a definição do conceito de cada volume, ao nível do grafismo, da temática, do modo como se processa a montagem dos documentos convocados e mesmo da titulação original dos capítulos e dos trechos compilados; a constante inclusão de notas de esclarecimento quanto ao conteúdo dos documentos e ao modo como estes foram indevidamente dados a público anteriormente; e a produção de extensos ensaios cujo alcance transcende nitidamente o caso pessoano, denunciando não só uma erudição assinalável, mas também algumas obsessões temáticas evidentes, também, ao nível da reedição de alguns textos pessoanos em mais do que um volume.

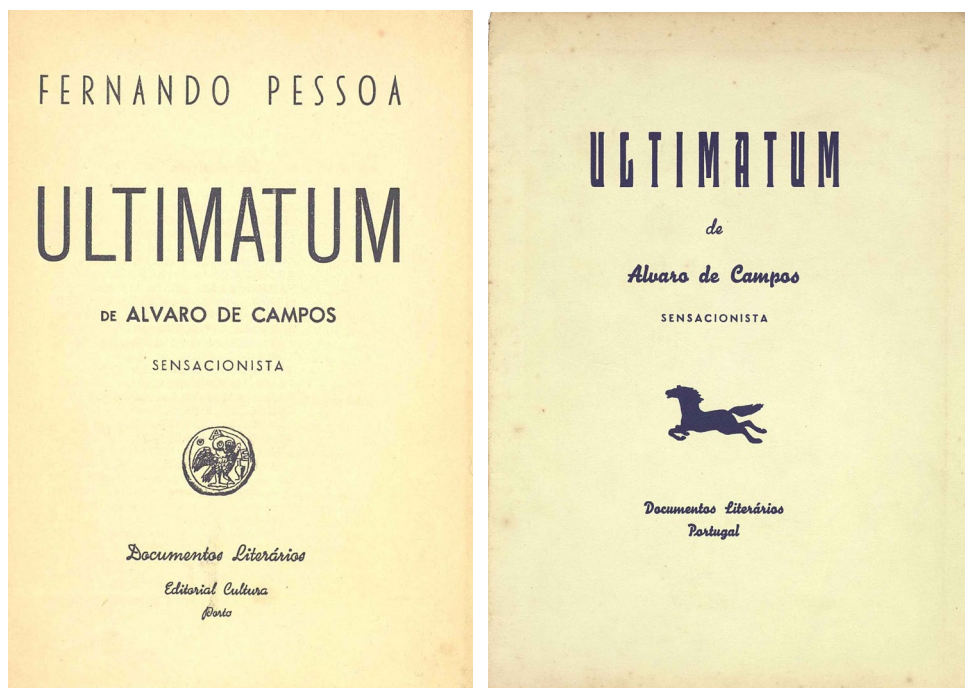
Um problema que passa, também, pela própria organização interna da linha editorial concebida por Petrus. No caso pessoano, torna-se extremamente significativa a diversidade de formas equacionadas para se disporem os livros idealizados, contribuindo para iluminar algumas das linhas fundamentais da interpretação do editor e a centralidade de Pessoa num projecto que, em certos momentos, parece ser transversal a diversos momentos da cultura portuguesa e, sobretudo, ao contexto das vanguardas históricas. Assim, e resumidamente, importa destacar o seguinte.



Figs. 1, 2 e 3. Folhas de Rosto de *O Banqueiro Anarquista*, *Almas e Estrelas* e *O Marinheiro*.

Por um lado, os livros foram, pelo menos em parte, pensados para integrar colecções cujas designações correspondem em si mesmas a verdadeiros programas críticos, peças de um projecto global de edições do Centro Editorial Portuguese, chancela de Petrus. São inúmeras as colecções para as quais o concurso de Pessoa foi tido em conta, na maior parte dos casos apenas com um volume, cujo conceito se encontra perfeitamente em linha com os propósitos específicos dessa colecção: “Colecção ‘Universo’” (*Análise da Vida Mental Portuguesa*, 1950, acompanhado pelo suplemento *A Civilização Portuguesa Entre O Passado E O Futuro*); “Colecção Quinhentista” (*O Encoberto. Poema que em Versos Lusiadas Compoz Fernando Pessoa*, 1950); “Colecção ‘Arcádia’” (*Apreciações Literárias*, 1951); “Documentos Literários” (*Ultimatum de Alvaro de Campos Sensacionista*, 1951); “Obras Fundamentais da Cultura Portuguesa. Colecção Antologia” (*Sociologia do Comércio*, 1951); “Colecção ‘Tendências’” (*Crónicas Intemporais*, 1952; *Hiram: Filosofia Religiosa e Ciências Ocultas*, 1953); “Documentos para a História” (*Defesa da Maçonaria*, 1952 e uma outra edição, também de 1952, intitulada *A Maçonaria vista por Fernando Pessoa*); “Páginas Livres” (*Elogio da Indisciplina*, 1953); “Parnaso Livre” (*Poemas Insubmissos*, 1953); “Documentos Políticos” (*O Interregno*, 1953); “Edições ‘Acropole’” (*Ensaio Políticos: Ideias para a Reforma da Política Portuguesa*, 1954); “Parnaso Jardim de Poesia” (*Distância Constelada*, 1955); e “Arte e Cultura” (além de *Sarça Erótica*, de 1959, reunindo textos de diversos autores desde António Nobre, incluindo Pessoa e Campos, devem referir-se *Livro do Desassossego*, 1961; *O Banqueiro Anarquista: Páginas Escolhidas*, 1961; *Almas e Estrelas*; *Horas Espirituais*, 1966; *O Marinheiro*, 1966), a que devem acrescentar-se colecções nas quais Pessoa é um dos autores representados, como “Seleções ‘Périplo’” (*Nas Encruzilhadas do Mundo e do Tempo*, 1959). Sem indicação explícita de pertencerem a qualquer destas colecções, devem ainda contar-se *Antologia A Maçonaria Vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos* (1952), *Poemas Ocultistas de Fernando Pessoa* (1952), *Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física* (1956) e *Apologia do Paganismo* (1957).²

² Para uma perspectiva da contínua e persistente actividade editorial de Petrus nesse sentido, veja-se o estudo de Ricardo Belo de Moraes, publicado na *Pessoa Plural*, no qual também se oferece uma visão biográfica do singular editor e pessoano, a que neste texto não nos dedicaremos. Nas tabelas bibliográficas que acompanham o estudo de MORAIS (2014: 101-102), é evidente a persistência de Petrus em recolhas dedicadas aos textos políticos pessoanos, mas também a verdadeira criação de títulos destinados a recolhas poéticas (*Distância Constelada*, de 1955, ou *Almas e Estrelas: horas espirituais*, de 1966, por exemplo) e a antecipação das primeiras recolhas de títulos fundamentais, como o *Livro do Desassossego*. É de Petrus a primeira compilação de trechos dispersos da obra, mesmo que parcial, cerca de 20 anos antes da edição de Jacinto do Prado Coelho, de 1982 (*Livro do Desassossego: Páginas Escolhidas*, 1961). Pessoa é, ainda, lembrado numa antologia dedicada a literatura erótica e que estabelece conexões entre autores que vão de António Nobre a Maria Archer (*Sarça Erótica*, 1959). Por outro lado, deve também ser lembrada a componente desta actividade editorial ao contexto do Modernismo Português, tanto através de uma pioneira recolha de textos nos quais o percurso crítico dos poetas de Orpheu e dos autores da *presença*, nomeadamente José Régio, são introduzidos numa estrutura de combate ao ambiente cultural português das décadas de



Figs. 4 e 5. Duas edições distintas de *Ultimatum* de Alvaro de Campos, *sensacionista*.

Algumas das colecções referidas são comentadas pelo próprio Petrus com alguma profundidade, “Documentos Políticos”, “Tendências” e “Parnaso Jardim de Poesia”, sendo claras nessas descrições as vertentes fundamentais do projecto do editor, nomeadamente o desejo de publicar documentos polémicos e pouco lembrados pelo pensamento dominante, a consciência de publicar textos raros mas decisivos e a intenção pedagógica de contribuir para a formação de uma consciência nacional voltada para o debate crítico. Vejam-se alguns exemplos. No “Colofone” de *Apreciações Literárias*, a antologia é apresentada como primeiro volume de um conjunto destinado que “visa revelar as obras capitais da cultura portuguesa caídas no esquecimento, em regra, injusto. Tem em vista servir o Espírito” (in PESSOA, 1951a: 207). Em *Elogio da Indisciplina*, pode ler-se:

“Documentos Políticos” é, como antologia de papéis públicos e de páginas políticas, uma colecção única no nosso país. Arquivará nas suas páginas os manifestos e proclamações de repercussão política e histórica e os ensaios e comentários que pelo seu significado intelectual ou pelo seu interesse como afirmação da consciência política duma época ou duma geração merecem ser conhecidos daqueles que pretendem fazer a sua formação política através da inteligência e da reflexão. O presente trabalho debate fundamentais questões de princípios e renova a ordem de os discutir. Tanto basta para justificar a sua inclusão neste documentário.

(PETRUS in PESSOA, 1953a: 2)

10 e de 20 (*Nas Encruzilhadas do Mundo e do Tempo*, 1959), como numa ainda hoje indispensável antologia de manifestos, textos doutrinários e polémicos de *Orpheu* aos grupos surrealistas portugueses (*Os Modernistas*, seis volumes, 1954-1961).

No “Colofone” de *Hiram*, pode ler-se: “Inaugural da Coleção ‘Tendências’, especialmente reservada a ensaístas nacionais de categoria europeia sobre os quais pesa o véu do esquecimento, por ela poderá aquilatar o mérito dos trabalhos que a vão continuar. Na maioria obras lucidíssimas. Há muitos lustros perdidas no ‘Mare Magnum’ dos periódicos sem vida e quase sempre também sem glória” (PETRUS in PESSOA, 1953b: 231). Em *Distância Constelada*, por seu lado, apresenta-se como um dos grandes propósitos dar conta de “Poetas ignorados ou tristemente esquecidos a par de poemas olvidados de grandes poetas”, segundo um escopo que abrange uma extensa lista de nomes, incluindo os grandes poetas associados ao Modernismo (PETRUS in PESSOA, 1955: 2; cf. Fig. 6).

Por outro lado, todos esses livros integram, na economia geral do vasto projecto editorial de Petrus, uma colecção única, como se percebe, por exemplo, nas últimas páginas de *Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física*, as *Obras de Fernando Pessoa*, em vinte volumes, dezoito dos quais então já publicados, tinham um espaço autónomo no quadro do verdadeiro polvo bibliográfico descrito como “Algumas Edições do Centro Editorial Portuguesez” (cf. Fig. 7).

Todos os títulos referidos se encontram na colecção de António Júlia Miranda, assim como *O Sr. Adolfo Casais Monteiro e os Modernistas Portugueses: mais uma Perfídia do Pueta da “Confusão”* (1961), texto de ataque directo a uma das figuras que Petrus acusava de se terem apropriado excessivamente da obra pessoana, Adolfo Casais Monteiro; e *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática* (1982), no qual definitivamente se estabelece uma linha de continuidade expressiva entre os aspectos do pensamento pessoano sublinhados por Petrus e o movimento da Renovação Democrática do qual o próprio se considera um dos representantes (cf. Fig. 9). Da produção editorial relevante para o estudo da recepção de Pessoa por parte de Petrus, apenas duas peças parecem estar ausentes da colecção que serve de ponto de partida para a presente investigação: *Regresso ao Sebastianismo* (1952) e, surpreendentemente, o decisivo conjunto de seis volumes de *Os Modernistas* (1961), compilando os mais representativos manifestos, panfletos e textos polémicos desde o momento de *Orpheu* ao amplo ambiente de dissidências que marcou o percurso do Surrealismo português.

Assim, e atendendo a todas essas questões, a abordagem do presente estudo passou por focar-se, predominantemente, na moldura que Petrus construiu para pensar Fernando Pessoa enquanto intérprete das raízes profundas da cultura europeia, demarcando-o dos principais procedimentos da sua geração e conduzindo-o a uma relação particular com a tradição que faz do Paganismo uma manifestação singular de uma leitura da cultura e dos ritmos dinâmicos e imprevisíveis com que esta se vai construindo.

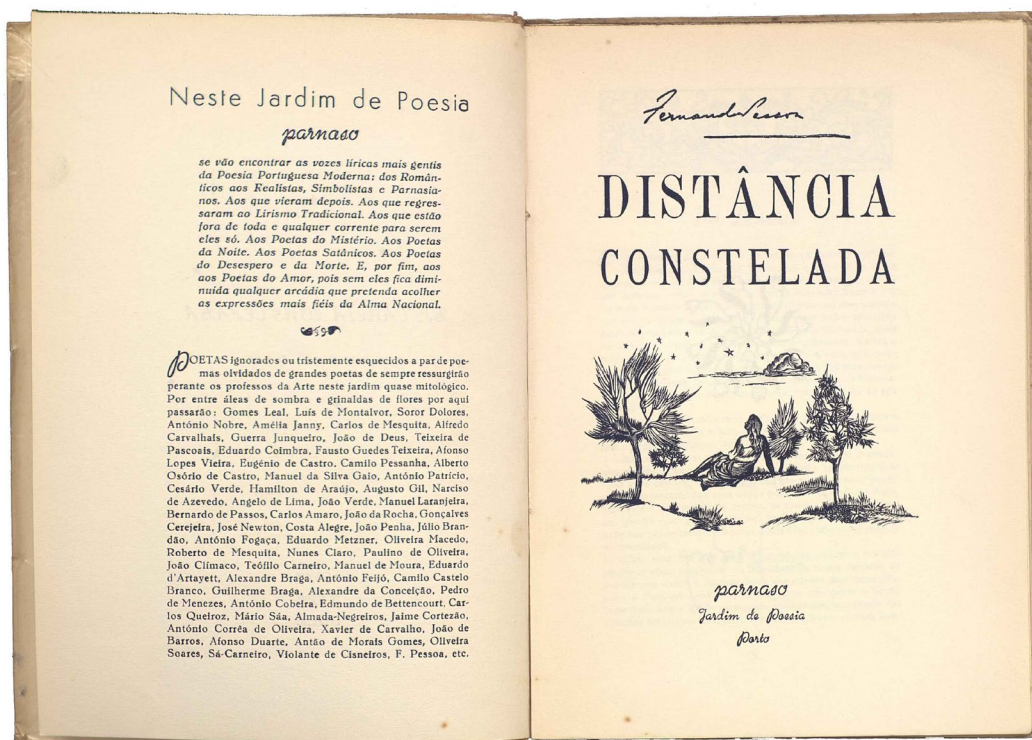


Fig. 6. Nota Descritiva da Coleção "Parnaso Jardim de Poesia".

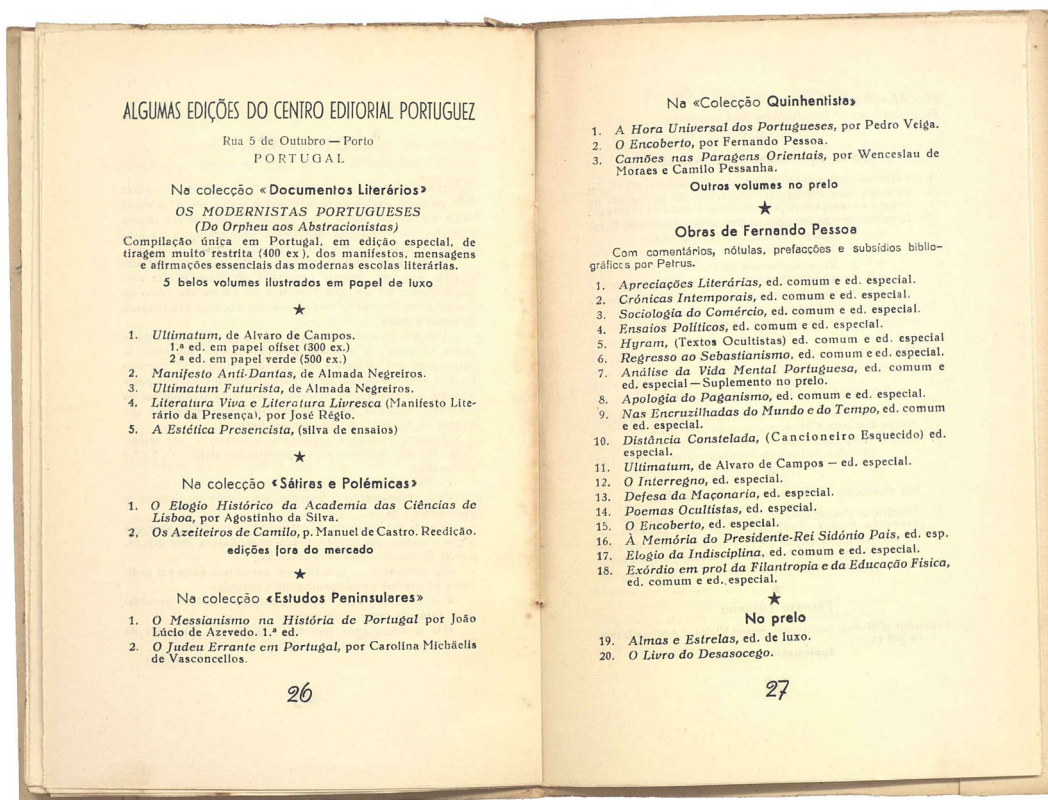
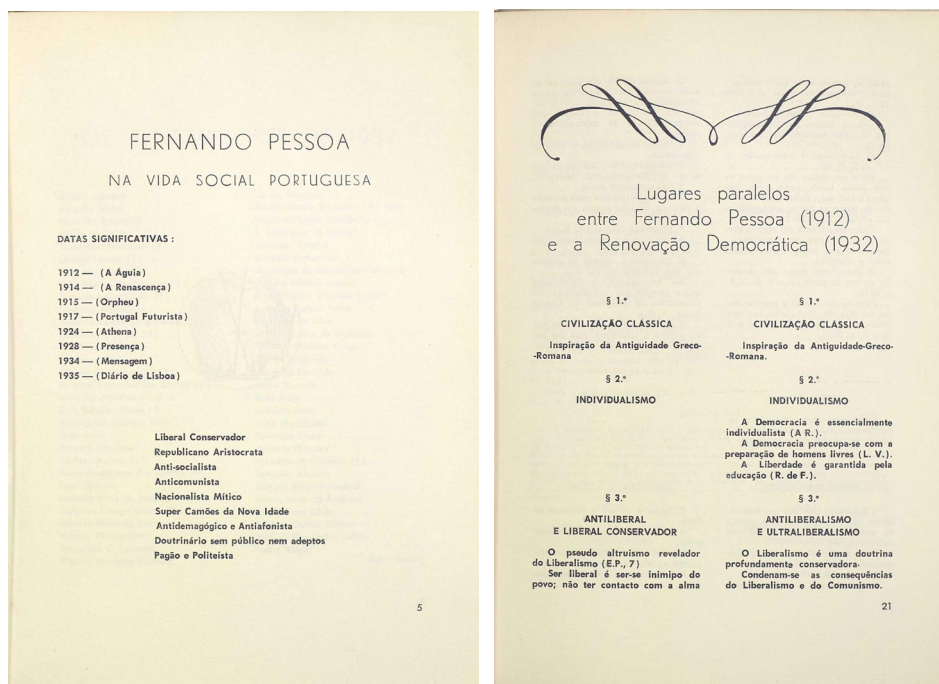
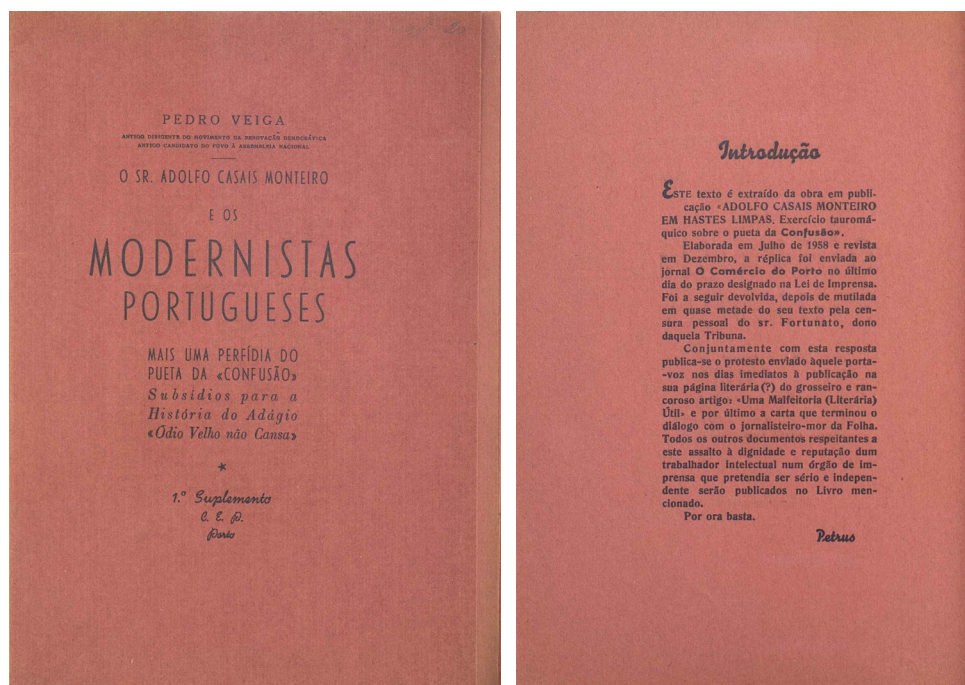


Fig. 7. Inclusão das Obras de Fernando Pessoa no quadro geral das "Edições do Centro Editorial Portuguez".



Figs. 8 e 9. Páginas de *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*.



Figs. 10 e 11. Folha de rosto e Introdução de *O Sr. Adolfo Casais Monteiro e os Modernistas Portugueses: mais uma Perfidia do Pueta da «Confusão»* (1961).

Importa, contudo, que se mencionem alguns aspectos laterais ao argumento defendido neste texto, mas significativos no quadro de uma compreensão, com grandes potencialidades futuras, do lugar ocupado por Petrus no panorama geral dos estudos pessoanos, nomeadamente ao nível de algum trabalho de apropriação significativa do legado pessoano. Vejam-se apenas três exemplos distintos e significativos.

Em *O Encoberto* (1950), conforme o próprio Petrus anuncia, Petrus apropria-se de uma “Salva de Trovas” parcialmente extraída de *Mensagem*, no sentido de a incluir numa leitura da “figura moral da Pátria”, juntamente com *Os Lusíadas* e *Pátria*. É uma edição que se apropria deliberadamente de uma das três partes do livro pessoano publicado perto de década e meia antes para o integrar num entendimento dos rumos da cultura portuguesa que, simultaneamente, define a originalidade de Pessoa e introduz os mais proeminentes elementos estruturantes da leitura que Petrus desenvolveria nas décadas subsequentes:

Fala nela uma nova linguagem, que já não vem do Romanceiro, nem da fúria dos combates, nem das imprecações trágicas da *Pátria*, mas dos Livros proféticos, das visões e dos sonhos dum nevo Eden Terreal. Se Camões é um católico paganizado, Junqueiro um marrano ou um cigano cristianizado, Fernando Pessoa erra no mundo misterioso da Cabala e do messianismo judaico. *Os Lusíadas* são o poema da Nação como ser histórico, a *Pátria* a visão do Povo como comunidade humana o a *Mensagem* o anseio do futuro – a voz da grei erguida para a Eternidade.

(PETRUS in PESSOA, 1950: 3)



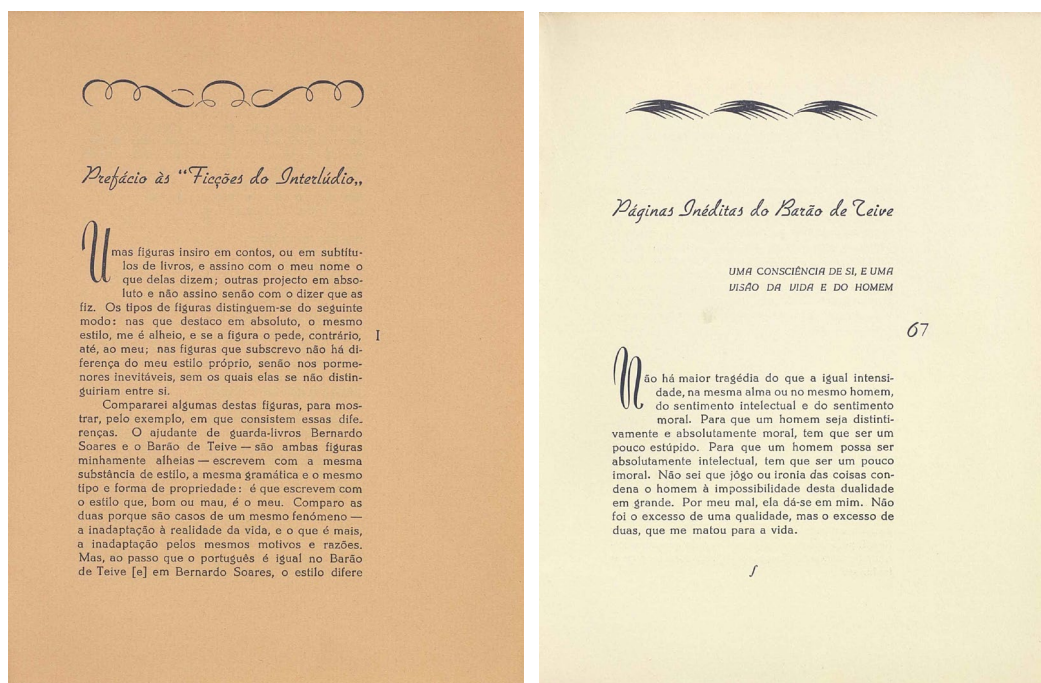
Figs. 12 e 13. *O Encoberto*. Atente-se na explícita indicação de que a obra é uma montagem de documentos, incluindo a terceira parte de *Mensagem*.

É também de notar que, num momento em que a recente edição crítica de *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, da responsabilidade de Luís Fagundes Duarte, voltou a trazer à discussão a pertinência ou não de se seguir amplamente o derradeiro testemunho de Pessoa, um exemplar da edição de 1934 anotada por Pessoa, Petrus deve ser lembrado entre um dos dois paradigmas editoriais resultantes desse testemunho. Com efeito, conforme José Augusto Seabra e Maria Aliete Galhoz esclarecem na “Nota Filológica Preliminar” à edição de *Mensagem. Poemas Esotéricos*, cedo se tomou conhecimento de “um exemplar pessoal dessa 1ª edição, onde [Pessoa] introduziu várias correcções manuscritas e inscreveu ainda, pelo próprio punho, as datas de um certo número de poemas” (SEABRA, 1997: XLI). Essa fonte autógrafa serviu de suporte a uma segunda edição de *Mensagem*, da responsabilidade da Agência Geral das Colónias (1941), que pode também ser consultada na colecção de António Júlia Miranda (cf PIZARRO & SOUSA, 2019: 200), e que também foi seguida pelas edições da Ática, em 1945³. Petrus segue de perto os critérios da segunda e terceira edições, mantendo, quer a ortografia originária, ao contrário do que ocorreria a partir da 7.ª edição (1959), quer as datações introduzidas por Pessoa nos poemas. O diálogo de Petrus com a tradição editorial do seu tempo é, como já referimos, constante.

Na sua pioneira edição do *Livro do Desassossego*, fundamentada em tudo quanto era conhecido do conteúdo da obra duas décadas antes da edição de Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha e Jacinto do Prado Coelho (1982). Interessa-nos sublinhar nesta edição deliberadamente reconhecida como de “páginas escolhidas” que Petrus antecipa, com assinalável lucidez, discussões contemporâneas a respeito do conteúdo do *Livro*, nomeadamente a organização dos trechos, o correspondente entendimento das diferentes fases de composição da obra e dos autores fictícios aos quais esta foi atribuída em diferentes ocasiões e mesmo a proximidade entre o período de Bernardo Soares e aquele em que também se produziram os textos do Barão de Teive. Um ano depois de Maria Aliete Galhoz ter dado a conhecer fragmentos de *A Educação do Stoico*, na *Obra Poética* (1960), Petrus serve-se das mais actualizadas informações dadas a conhecer por essa pioneira recolha para dar ao seu volume a seguinte arrumação, única no quadro das distintas opções defendidas pelos sucessivos organizadores, de Prado Coelho a

³ Saliente-se que, se Seabra e Galhoz optaram por seguir o derradeiro testemunho do poeta, mantendo o paradigma no qual Petrus se inscreve também. As edições mais recentes, de Cabral Martins (2014) e de Fagundes Duarte (2018), optam por não ter em consideração as datas incluídas pelo poeta no seu exemplar pessoal, dado que *Mensagem* foi equacionado como um livro coeso e, nessa medida, a inclusão das datas corresponde mais ao momento em que os poemas não haviam sido pensados para um projecto autónomo do que ao momento da sua constituição enquanto um todo (PESSOA, 2014: 95; PESSOA, 2018: 372). No caso de Petrus, esta questão nunca se colocaria, dado que a sua opção editorial é, à partida, uma recusa do princípio de suposta unidade constitutiva de *Mensagem*, até na inclusão de textos de outros autores, Pascoaes e Montalvor (cf. o Anexo 1).

Rita Lopes e nem sempre devidamente lembrada nas discussões em torno da polémica suscitada pelo *Livro do Desassossego*: “Prefácio ao ‘Livro de Desassossego’”, constituído pelos dois trechos nos quais se traça o essencial da figura de Vicente Guedes; “Prefácio às ‘Ficções do Interlúdio’”, com as menções a Soares e a Teive; o trecho “Na Floresta do Alheamento” (1913), publicado n’*A Águia*; fragmentos do “Livro do Desassossêgo”, reunindo os nove trechos atribuídos por Pessoa a Bernardo Soares, nas revistas *presença* e *Descobrimento*, apresentados aqui de acordo com uma organização definida por Petrus; “Páginas do Diário Lúcido. Páginas do Livro do Desasocego”, reunindo outros trechos atribuídos a Vicente Guedes e publicados em 1938, no primeiro número da revista *Mensagem*; e “Dum Epistolário da Angústia”, reunindo cartas trocadas entre Pessoa e dois companheiros de *Orpheu*, Armando Côrtes-Rodrigues e Mário de Sá-Carneiro, nas quais a composição do *Livro do Desassossego* é o tema central.



Figs. 14 e 15. “Prefácio às ‘Ficções do Interlúdio’” (*Livro do Desassossego*) e “Páginas Inéditas do Barão de Teive”.

Importa sublinhar que Petrus distingue esse núcleo, aparentemente entendido como sùmula fundamental da obra, contemplada no “Índice do *Livro do Desassossego* (Páginas Escolhidas)”, de dois outros núcleos, derivados da atenta lição de Maria Alite Galhoz: “Páginas Inéditas do Barão de Teive” e “Dispersos e Inéditos do *Livro do Desassossêgo*”. Estas duas secções conduzem a curiosas questões relativamente ao modo como Petrus se relaciona, quer com o problema

das múltiplas autorias do *Livro*, quer com a convicção de que existiriam ainda fragmentos desconhecidos, avolumando a dispersão própria do conjunto.⁴

No posfácio “Um Diário Poético”, Petrus descreve as diversas etapas do projecto pessoano, salientando-se dois problemas fundamentais na sua análise, ambos perfeitamente sintonizados com as actuais abordagens ao assunto. Por um lado, o *Livro* é percebido como um objecto diverso da criação de entidades psicológicas capazes de constituir uma verdadeira “presença humana”, espelhando a vertigem de Pessoa como verdadeiro Deus Pagão, sendo cada autor suposto “uma simples personagem literária [...] com profissão e certo realismo cronológico e civil, como aliás têm as criações dos novelistas” (PETRUS in PESSOA, 1961: 90); Por outro lado, sobressai a impossibilidade de se perceber com precisão qual o projecto exacto de Pessoa: “O que seria este ‘Livro do Desassossego’, se Fernando Pessoa o tivesse realmente concluído, depurado e oferecido ao mundo e que representaria na exteriorização do seu pensamento?” (in PESSOA, 1961: 93). A síntese dessa incerteza em torno das facetas consideradas para um projecto de tão longa duração e da dimensão das expressões da intimidade pessoana por elas proporcionada é dada no “Colofone”: “O ‘Livro do Desassossego’ findou aqui, deixando-nos na saudade duma obra que o autor sonhou e jamais realizou em plenitude. Florilégio breve das nuances de espírito de Fernando Pessoa, neste banquete aparecem como interlocutores quatro personagens que viveram no palco dramático da sua alma, incluindo a sua própria pessoa” (in PESSOA, 1961: 95).

Finalmente, assinale-se um esclarecimento importante do prefácio “Aos Estetas”, com o qual Petrus abre a sua edição de *O Banqueiro Anarquista*, que condensa exemplarmente, tanto o respeito do antologiadador pela tradição modernista que procurou homenagear e manter em circulação editorial, como a importância da componente estética no resultado final dos livros. Esclarecendo que, na época, não se conheciam ainda documentos correspondentes ao projecto pessoano de remodelar o texto de “O Banqueiro Anarquista”, Petrus conclui:

Aproveitamos, por isso, o texto que viu a luz na *Contemporânea*, revista modernista, quer dizer, por definição, revista rara, que teve em 1922, uma extracção de reduzida tiragem e da qual, hoje, existirão completas três ou quatro dezenas de colecções, se tanto.

Esta nova estampagem, em homenagem à deslumbrante revista de José Pacheco, que marcou um momento novo na paisagem gráfica nacional, será também como ela de 401 exemplares numerados.

(in PESSOA, 1966: 14)

⁴ É de sublinhar que, ainda hoje, são esses os dois problemas que mais dividem os editores pessoanos, tanto no que respeita a boa parte do conjunto da obra – os problemas relacionados com a atribuição da autoria, com a delimitação dos livros e com a arrumação dos textos no interior destes são transversais – como, em particular, no que concerne ao *Livro do Desassossego*, eventualmente o objecto mais dependente da intervenção do editor, gerando controvérsias em todas as vertentes possíveis. Vejam-se, quanto a este assunto, PIZARRO (2012: 261-281) e SEPÚLVEDA (2013: 35-55).

2. Petrus e a proposta de uma leitura particular de Fernando Pessoa

Além da centralidade conferida a Pessoa no quadro das suas edições singulares, cuidadosamente estruturadas e anotadas, não raro dando a conhecer textos inéditos, pouco lembrados ou publicados com truncagens e de acordo com agendas específicas, importa destacar também a agudeza característica de um leitor atento e combativo. Com efeito, as suas excêntricas e inconfundíveis iniciativas editoriais foram, também, um veículo privilegiado para o desenvolvimento consistente de um ponto de vista a respeito de Pessoa que procurava acentuar as coerências do seu pensamento e, sobretudo, os usos indevidos que dele por vezes se foram fazendo.

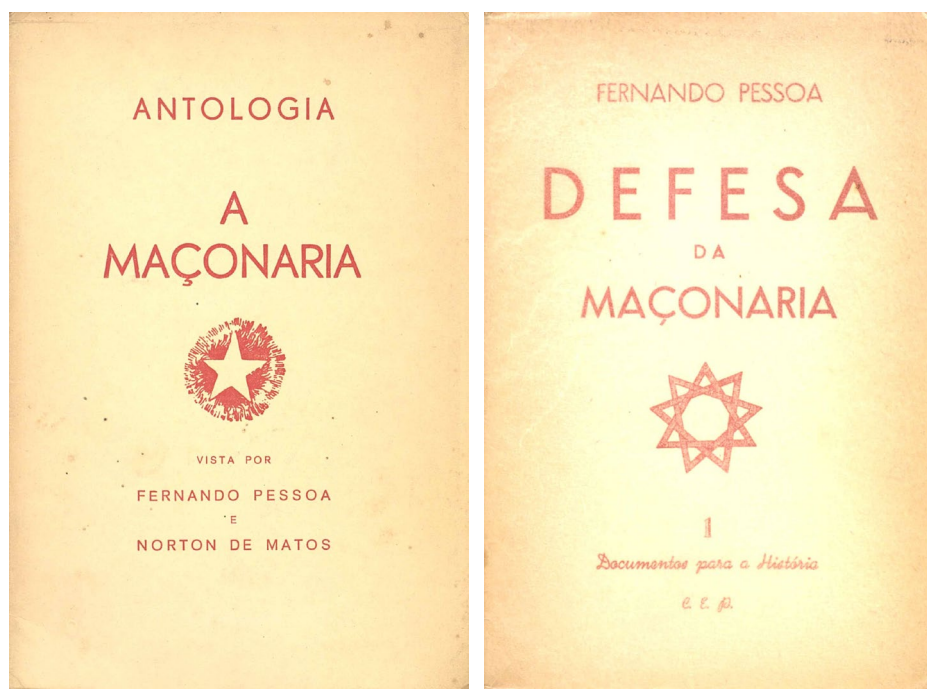
Um dos pilares fundamentais da leitura de Petrus, ao qual este texto dedicará a dimensão que considero adequada, conjuga e antecipa em aspectos fundamentais algumas abordagens recentes ao manancial de éditos e inéditos de Pessoa: a importância de uma (re) leitura dos textos nos quais se foi dedicando a expor, dispersa mas coerentemente, considerações de natureza política e sociológica, leitura essa que permite recusar assertivamente os pontos de vista tendentes a aproximar Pessoa dos regimes totalitários europeus do seu tempo.

A interpretação de Petrus depende, também, do facto de, enquanto pensador expressivamente contrário ao paradigma representado pelo Estado Novo, valorizar uma série de assuntos e domínios do conhecimento aos quais Pessoa concedeu uma centralidade que, segundo Petrus, não tinha sido devidamente entendida pelos seus leitores, incluindo os mais reconhecidamente dotados de acuidade crítica, como o biógrafo Gaspar Simões. É nesse sentido que se torna surpreendente a complexidade e o aprofundamento com que correlaciona, insistindo na necessidade de uma panorâmica da obra pessoana e no reconhecimento das íntimas coerências de peças aparentemente distintas, aqueles que constituem três dos veios mais recorrentes da sua análise, em termos dos textos antologiadados por si e dos comentários e esclarecimentos, por vezes bastante extensos, que lhes dedica: a compreensão do valor do liberalismo económico de matriz anglo-saxónica, a valorização da vertente ocultista da instituição maçónica ou o peso dado às raízes pagãs da cultura europeia na construção da singularidade de Pessoa no quadro da literatura portuguesa.

De modo a destacar as interpretações de Pessoa das diferentes correntes com que coincidiu, incluindo aquelas com que entra em diálogo e que toma parcialmente como suporte dos seus próprios pontos de vista, Petrus foca-se num ponto que constitui um núcleo de leitura de grande importância estratégica, essencial para que algumas aparentes contradições do poeta sejam devidamente lidas e ultrapassadas: Pessoa, “pronunciando-se pelo primado do homem real e vivo, ser duplamente carnal e metafísico, sobre as sociolatrias organicistas que o sacrificam à miragem do homem abstracto das planificações racionalistas e

saturnianas” (PETRUS in PESSOA, 1954: 163-164), é visto por Petrus como um constante apologista da liberdade dos sujeitos individuais, sobretudo à luz de um entendimento da excepcionalidade dos pensadores divergentes, espíritos insubmissos capazes de concentrar em si os traços do fluxo da História, que mais abertamente determinam o encontro do Homem com a Natureza e não com ideais abstractos de Civilização.

Essa tendência assumiria, nesta leitura, duas expressões diversas, correspondentes aos dois planos da formação intelectual do poeta, a anglo-saxónica e a mais ligada às raízes temperamentais do povo português: no âmbito estritamente económico, analisado por Petrus na antologia *Sociologia do Comércio* (1951), Pessoa privilegiaria a lei da concorrência, focada na liberdade de acção dos indivíduos em competição, espelhando as fortes raízes anglo-saxónicas da sua educação; no âmbito do pensamento social, Pessoa optaria por outros valores, recusando o Parlamentarismo, e o que nas lutas partidárias equivaleria ao mesmo espírito de competição entre ideologias, para valorizar a opinião pública e o que nesta se exprime de impulsos subconscientes específicos de cada povo, algo que teria relação directa com o recurso pessoano ao ocultismo, aos símbolos e ao carácter lendário da cultura, assim como ao influxo pagão das energias primordiais não submetidas ao jugo da civilização cristã. É esta segunda vertente que Petrus analisará em ensaios muito extensos, com particular destaque para os que acompanham *Hyram* (1953), *Ensaio Político* (1954) e *Apologia do Paganismo* (1957).



Figs. 16 e 17. Duas edições distintas que conferem ao texto de Pessoa sobre a Maçonaria um lugar central.

Deve ainda assinalar-se que Petrus tinha elevada consciência do pioneirismo do seu labor e mesmo de uma certa missão cívica que lhe atribuía, propondo-se, a um tempo, editar textos de grande significado na devida compreensão de Pessoa e do seu multifacetado universo mental e responder a alguns desvios interpretativos, demonstrando, pela associação de textos dispersos ou pela sua publicação cuidada, as aproximações de assuntos e perspectivas e as truncagens indevidas praticadas por outros editores, sendo o caso da “Defesa da Maçonaria” o mais representativo: Petrus não só atenta na incapacidade de outros editores darem a conhecer o texto publicado originalmente no *Diário de Lisboa* na sua integralidade, como também sugere explicações para o esquecimento de algumas passagens.

A insistência nesse texto de Pessoa, descrito por Petrus como o mais polémico de quantos deu a público e o mais representativo da sua tendência para se encontrar permanentemente numa situação instável e polémica, contrária aos ventos dominantes na sua época, contribui para demonstrar, também, uma outra peculiaridade da sua abordagem aos autores que editou, e em particular ao caso pessoano: o editor não se limitava a antologiar textos dispersos ou raros, ou a comentar as suas características e os motivos pelos quais urgia dar-lhes uma nova atenção, o que seria já um empreendimento muito significativo e capaz de ombrear com o pioneirismo das edições da Ática ou com a também precursora antologia de Casais Monteiro, que, a partir de 1942, dimensionaram Pessoa muito para além das páginas dos periódicos ou das escassas edições publicadas em vida; era, também, um arguto promotor de pontes entre textos publicados em vida mas ignorados ou deslocados da sua devida compreensão devido ao ímpeto dispersivo a que o ritmo editorial os fora sujeitando.

A meu ver, pode também descrever-se como um construtor de sentidos que interferem significativamente no universo textual. A montagem de verdadeiras visitas guiadas ao universo pessoano, através da recolha e arrumação de materiais muito diversos, assim como a escolha dos excertos e a sua classificação – pois cada um deles é antecedido por um subtítulo da autoria do próprio Petrus – denunciam o empenho de alguém com uma bagagem cultural e sobretudo com uma opinião demarcada, muitas vezes coincidente com a de Pessoa. Revelam também um aceso diálogo com os procedimentos editoriais alheios, incluindo uma teoria do que deveria considerar-se uma edição ideal, expressa, por exemplo, nesta passagem de *Hiram* a respeito do esquecimento de mais de uma centena de versos na edição do *Fausto* no volume VI das Obras Completas:

Salvo, portanto, o respeito devido pelas boas invenções que com a divulgação daqueles textos houve, parece que tal orientação devia ser banida em absoluto – devendo os editores das O.C., sempre que no corpo da obra não queiram inserir os fragmentos que reputam ininteligíveis, fazê-lo em roda-pé ou em apêndice. Assim seria seu esforço editorial digno de louvor.

(PETRUS in PESSOA, 1953b: 203-204)

É em virtude destas especificidades do trabalho editorial de Petrus, e sobretudo tendo em conta os principais fundamentos da sua recepção crítica da obra de Pessoa, que o presente estudo se desenvolverá. Dada a diversidade das edições de Petrus votadas a Pessoa e aos seus contextos, o estudo dedica-se à análise aprofundada das questões relacionadas com o diálogo dos textos pessoanos com a cultura nacional e europeia, propondo um panorama daquele que me parece o mais eloquente contributo de Petrus para o multifacetado retrato crítico do poeta dos heterónimos: o desenvolvimento de íntimas conexões entre uma ideia de liberdade com diferentes consequências nos âmbitos económico e social, a definição de uma ideia particular de tradicionalismo, conjugada com uma recepção das correntes ocultistas, e o carácter de insubmissão transportado por Pessoa para todas as dimensões da sua vida e obra, numa clara apologia do contraste entre o plano ininterrupto das energias pagãs e as cristalizações sociais correspondentes a diversas ideias de Ordem.

3. Pessoa, agitador póstumo

Ao longo dos seus ensaios, Petrus reivindicou para si a missão de dar a conhecer a novos públicos a importância do pensamento político e sociológico de Pessoa. No edital que introduz a coleção «Documentos Políticos» publicado em *Elogio da Indisciplina*, por exemplo, pode ler-se: “O presente trabalho debate fundamentais questões de princípios e renova a ordem de os discutir” (PETRUS in PESSOA, 1953a: 2). Dados os intuitos gerais da coleção, destinada a conferir uma formação política adequada aos interessados em adquirir ferramentas para uma adequada autonomia do pensamento, os textos de Pessoa são enquadrados como alternativas relevantes aos mecanismos habitualmente utilizados na discussão de assuntos sociais e políticos, em plena década de 1950.

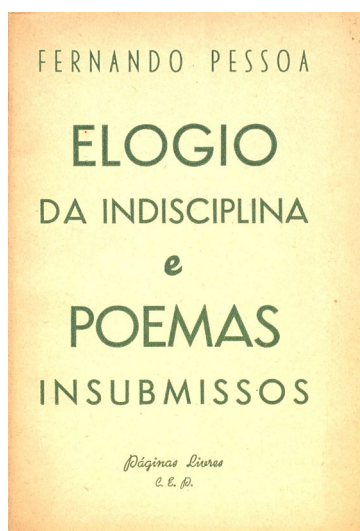


Fig. 18. Capa de *Elogio da Indisciplina e Poemas Insubmissos*.

Talvez por isso, segundo Petrus, Pessoa tenha sofrido sempre as consequências inerentes ao facto de ter vivido num contexto marcado pela persistência de velhos lugares comuns, que não apenas lhe roubavam as condições necessárias para explicar com mais clareza algumas das suas ideias, como também o impediam de ter qualquer impacto relevante no seu tempo. É nessa medida que o relevo de Pessoa enquanto pensador interventivo acaba por ser, em grande medida, extraído ao próprio plano do Tempo:

E o Tempo acusa tão só o vigor das personalidades que o representam na História, sobretudo pela sua acção política ou social, isto é, pela influência que delas decorre sobre os seus contemporâneos.

Ora, Pessoa, que sempre teve em apreço especial o lugar que o Destino lhe reservara perante as gerações que passavam não logrou, não obstante, influir nos acontecimentos do seu Tempo.

(PETRUS in PESSOA, 1952b: 92)

O plano da sua intervenção é, portanto, bastante diverso. Prende-se com a capacidade de ter agitado as ideias de modo a que, ao invés de ser uma individualidade do seu Tempo, se tenha convertido num espírito de algum modo intemporal, capaz de alcançar junto das futuras gerações precisamente o impacto correspondente ao carácter profético das suas teses e conceitos primordiais, mesmo que – questão a que voltarei – esse profetismo tenha raízes em aspectos muito enraizados na cultura do Ocidente e não seja, portanto, mais do que o reencontro actualizador com uma forma de tradicionalismo entretanto perdida. Precisamente por isso, Pessoa, que, numa das “Crónicas da Vida que Passa” recolhidas por Petrus em *Crónicas Intemporais* (1952), aponta para a necessidade imperativa de “perturbar as almas [...], desorientar os espíritos” (*apud* PETRUS in PESSOA, 1952b: 35) e que noutras passagens da sua obra se assumira essencialmente como um “agitador de ideias”, é definido como um agente cultural essencialmente póstumo:

Agitador póstumo – isto é, homem com influência no Tempo que já não é o seu – singular sorte a deste Poeta e Lutador! Malgrado nas tentativas que fez para se localizar na sua Época e ser um pilar da inteligência nacional e um ponto de partida do futuro, é o próprio Futuro que vai em sua demanda para nele descortinar o fermento reformador da alma e da cultura do seu Povo.

(PETRUS in PESSOA, 1952b: 92)

Segundo Petrus, essa circunstância estava umbilicalmente ligada ao contraponto irresolúvel entre duas ordens de compreensão da existência, como desenvolverei adiante: a excessiva concentração dos seus contemporâneos nos assuntos passageiros do quotidiano, os “fenómenos rudimentares da baixa política personalista e personalizada” (PETRUS in PESSOA, 1952b: 94), e a ânsia pessoana de discutir problemas mais profundos e abrangentes, relacionados com a própria compreensão

do ser humano e com a singularidade dos verdadeiros empreendedores da História no confronto directo com o jugo das multidões.

Um contraponto que serviria de verdadeiro núcleo agregador de todos os contributos de Pessoa, dispersos no tempo, mas reveladores de uma visão do mundo muito pessoal, só devidamente estudada através da crescente preocupação editorial com a totalidade do continente textual pessoano. O contributo que pretende dar com as suas antologias, destinadas a reunir “algumas das mais raras e quem diz raras, pode igualmente dizer desconhecidas páginas” publicadas em revistas de circulação restrita e totalmente esquecidas pelo público, mesmo o dos apreciadores do poeta (PETRUS, 1952b: 96), é de resto directamente relacionado com a necessidade de não excluir o controverso e incompreendido pensamento político de Pessoa do horizonte do repto deixado numa nota publicada no número 47 da *presença*, na qual a recente morte do poeta era lembrada:

O último número da *presença* anunciava uma crítica à *Mensagem*, de Fernando Pessoa. É um livro superiormente sentido, pensado e escrito; mas no qual não pode caber em toda a sua riqueza a personalidade do poeta. Por isso pedíamos então a Fernando Pessoa que reunisse em outros livros outros dos seus poemas –, ajudando assim o público a entendê-lo e a conhecê-lo melhor. Entretanto, Fernando Pessoa morreu. [...]. Cabe agora àqueles que têm a honra de possuir ou manusear os seus manuscritos, a fervorosa obrigação de publicar a obra de que Fernando Pessoa nos deu tão preciosos fragmentos. Só depois de ela publicada poderão ser tentados os estudos de conjunto que exige.

(NÃO ASSINADO, 1935: 15)

Corroborando a tese geral, Petrus parece entender que esta se encontrava, no essencial, circunscrita ao impulso presencista para convencer Pessoa a reunir os seus poemas. Precisamente por esse motivo, a sua concentração não passa, ao contrário do que será a prática tanto das Obras Completas, da *Ática*, como de outra edição monumental contemporânea, a *Obra Poética* seleccionada e organizada por Maria Aliete Galhoz, por uma insistência veemente no fenómeno da heteronímia.

O foco de Petrus tende a ser, antes, a percepção da necessidade de se completar o esforço exegético em torno de Pessoa valorizando outras dimensões da sua vasta produção em vida e pela revelação de componentes de algum modo inesperadas, como *Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física* (1956)⁵. Está em causa, como o próprio define, a revelação de uma outra faceta do génio pessoano: a sua capacidade para, ao longo de mais de duas décadas de páginas dispersas por

⁵ O conteúdo do “Antelóquio”, no qual se justifica a publicação dessas “Páginas Desconhecidas”, fala por si: “Estas páginas são desconhecidas e por muita gente serão tidas por insignificantes. Juízo precipitado porque não só não são insignificantes, como são mesmo o contrário disso. À biografia do Escritor trazem elas um subsídio pessoal de interesse tanto maior quanto nenhuma das suas biografias, desde esse farto manancial recolhido nem sempre com segurança, valha a verdade, pelo incansável esforço e talento de J. Gaspar Simões, aos dados subsidiários trazidos a público por outros publicistas, lhes faz a menor referência” (PETRUS in PESSOA, 1956: 7).

efémeras revistas portuguesas, manter uma “personalidade política” e uma “posição perante as correntes políticas” coerente, para cuja análise concorre necessariamente “a conjugação de textos de mui diversa índole e expressão” (PETRUS in PESSOA, 1952b: 99). Na esteira do muito influente *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949), de Jacinto do Prado Coelho, mas transportando os seus argumentos fundamentais para territórios que transcendem em muito o plano da criação poética, o retrato que Petrus traça de Pessoa é o de arquitecto de um labirinto complexo, mas empenhado num plano de completude que é, acima de tudo, o rosto visível de “uma forte posição mental, uma formação, um temperamento e uma original visão do Destino da Cultura e dos Fins da Civilização” (in PESSOA, 1952b: 99).

4. Pessoa e a Maçonaria Segundo Petrus

Partindo dessa compreensão de Pessoa como voz singular de um ponto de vista a respeito do devir histórico da Humanidade, Petrus direcciona as suas análises para um problema que lhe merece assinalável insistência: o confronto polémico com os que procuravam associar o poeta a uma ideologia política rigidamente demarcada, mormente a defendida pelos totalitarismos europeus seus contemporâneos. A incompreensão generalizada de Pessoa, enquanto pensador político, parece ser transversal tanto aos que deliberadamente procuraram ocultar algumas particularidades suas, “como fizeram os periodistas do *Bandarra* e os primeiros editores do poema *À Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*”, como aos que merecem da parte de Petrus algum elogio, caso de João Gaspar Simões (PETRUS in PESSOA, 1952b: 99-101). Também o crítico presencista, na biografia publicada em 1950, *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História de uma Geração*, havia ignorado os dados relevantes para a configuração de um esboço das inegáveis e perfeitamente coesas perspectivas de Pessoa.⁶

⁶ A este respeito, não será demais insistir no modo como Petrus comenta o problema da pouca atenção votada à componente política de Pessoa, mesmo por parte de um crítico que parece respeitar, como Gaspar Simões: “Não houve, evidentemente, a intenção de trazer a público um juízo parcial, de ocultar algo da sua personalidade ou do seu pensamento, como fizeram os periodistas do *Bandarra* e os primeiros editores do poema *À Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes* [...]. Aqui houve simplesmente uma questão de orientação, e de perspectiva e também, porventura deficiência nos elementos de trabalho que estiveram ao alcance daquele infatigável e pródigo escritor. Efectivamente, J. Gaspar Simões que tam atentamente estudou o fenómeno poético em F. Pessoa, quando entra no terreno das suas ideias políticas e tinha fatalmente que entrar [...] tergiversa e dá-nos de Pessoa um perfil político obscuro e contraditório – cheio de empastelamentos que denunciam não a complexa fisionomia do doutrinador, mas muito simplesmente a falta de visão e de profundidade do próprio biógrafo neste domínio, que íntimo de Pessoa [...] – pois tinha nas fibras do pensamento a intuição do político – já em Gaspar Simões é secundário, circunstancial e mesmo insignificativo” (PETRUS in PESSOA, 1952b: 100-101).

O resultado havia conduzido a um problema denunciado em *Sociologia do Comércio*: muitos dos estudiosos de Pessoa ignoraram uma personalidade “reveladora duma maturidade intelectual rara e duma original e uma concepção política do mundo” para preferirem “dar uma significação política afim dos seus próprios ideais, aos ideais políticos de Fernando Pessoa” (PETRUS in PESSOA, 1951b: 101). No caso de Petrus, o exercício crítico parece ser em grande medida o inverso: as suas próprias conclusões acabam por derivar, pelo menos em parte, de uma sintonia ideológica com algumas afirmações pessoanas particularmente contundentes e de uma necessidade de colmatar aspectos pressentidos como menos adequados atribuindo-os a malefícios da época e, mesmo, a uma certa dificuldade em conduzir às últimas consequências algumas intuições ensaiadas em textos dispersos mas nunca sujeitas a uma continuidade mais consistente.

Uma das leituras do pensamento pessoano que Petrus procura rebater a suposta simpatia do poeta pelas estruturas e concepções do regime salazarista⁷. Um dos textos de Pessoa mais recorrentemente utilizados por Petrus para demonstrar o peculiar, mas indiscutível, pendor democrático de Pessoa foi “A Defesa da Maçonaria”, publicado no *Diário de Lisboa*, no dia 4 de Fevereiro de 1935. Diatriba feroz contra o projecto de lei destinado a proibir as associações secretas, da autoria de José Cabral⁸, essa proclamação pública de alguns dos seus pontos de vista a respeito da necessidade da livre experiência da liberdade individual é tida por Petrus como espelho maior de uma “defesa do homem através de todos os meios porque se afirma a sua liberdade”, mesmo que em sentido contrário ao de algumas interpretações correntes dos conceitos de Liberalismo e de Democracia. A síntese que Petrus elabora dos contornos da interpretação pessoana da sociedade e do modo como nesta deveriam manifestar-se os projectos individuais é eloquente:

Nesse campo foi de uma coerência absoluta, depositando confiança na opinião pública, renegando os absurdos teológicos, formando processo a todas as formas de estatismo e pronunciando-se pelo primado do homem real e vivo, ser duplamente carnal e metafísico, sobre as sociolatrias organicistas que o sacrificam à miragem do homem abstracto das planificações racionalistas e saturnianas.

(PETRUS in PESSOA, 1952c: 37-38)

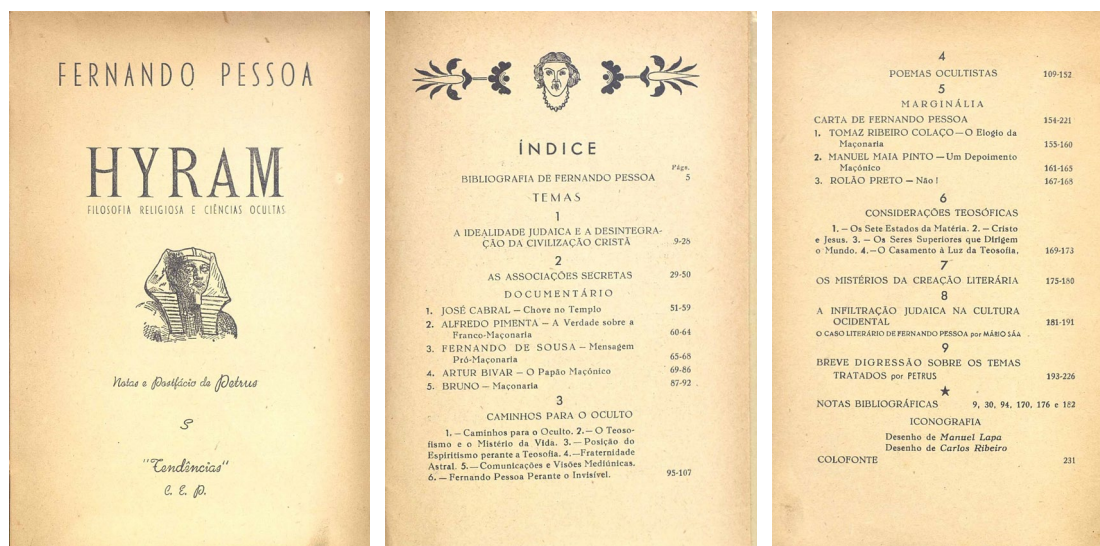
A Maçonaria converte-se, portanto, nesta perspectiva, em mais uma das valências com que Pessoa foi desdobrando um conflito elementar entre doutrinas de sentido universalizante e absoluto e correntes nas quais a autonomia deveria constituir o elemento fulcral, valendo essencialmente como plataforma para o encontro entre diferentes manifestações de uma mesma pesquisa.

⁷ Para um aprofundamento das discussões em torno da complexa interpretação pessoana do Salazarismo e de fenómenos afins, cf. BARRETO (2015: 7-47).

⁸ Para a devida contextualização dos motivos que conduziram Pessoa à publicação do texto e da polémica por este suscitada, cf. BARRETO (2011: 237-288).

Na *Antologia A Maçonaria Vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos* (1952), esse problema é pensado em termos de diferentes manifestações da própria Maçonaria. Petrus esclarece que, diferindo de um paradigma derivado de um modelo mais marcadamente francófono, no qual os ideais maçônicos haviam sido deturpados e por isso mesmo convertidos num programa político com uma ideologia tão rígida como a dos outros princípios totalitários a que supostamente deveria opor-se, a noção pessoana de Maçonaria tinha as suas raízes numa matriz essencialmente inglesa. Ora, essa via em nada poderia corresponder ao suposto carácter transgressivo e ameaçador da ordem denunciado por José Cabral, uma vez que os seus propósitos eram de natureza espiritual e religiosa, focada na pesquisa contínua dos mistérios ocultos, na linha das várias vertentes esotéricas pelas quais o omnívoro intelecto de Pessoa se foi dispersando (PETRUS in PESSOA, 1952a: 38).

Na antologia mais aprofundadamente dedicada ao manancial de textos ocultistas pessoanos, *Hiram* (1953), acompanhada por um impressivamente informado e extenso ensaio de Petrus, o argumento é retomado em moldes semelhantes. A Maçonaria surge, nesse contexto, como uma manifestação de um princípio que “repele todo o constrangimento político e filosófico”, e corresponde, no essencial, ao “princípio intelectual [...] da tolerância que está na base da controvérsia filosófica, por via da qual os seus adeptos se procuram esclarecer e aperfeiçoar” (PETRUS in PESSOA, 1953b: 201). Esses pressupostos conduzem a outro dos pilares cimeiros da abordagem de Petrus, a que voltarei: o contraponto entre a História, entendida como sucessão de factos cujos rumos precisos não se podem de modo algum determinar, apenas interrogar criticamente, e o plano da Ordem, também designada como da Civilização, correspondendo aos esforços dos vários sistemas organizados para imporem um determinado conceito normativo às manifestações do Tempo.



Figs. 19, 20 e 21. *Hiram* (1953), volume dedicado a “Filosofia Religiosa e Ciências Ocultas”; Merece destaque a inclusão do texto de Pessoa sobre a Maçonaria (e respectivas réplicas).

O espírito maçónico, conforme defendido por Pessoa, pressupõe uma disposição intelectual totalmente avessa a esses esforços doutrinários, procurando essencialmente uma “pesquisa ininterrupta e sempre viva, (que) jamais se cristaliza em dogma” (PETRUS in PESSOA, 1953b: 205-206) e, por isso mesmo, não vê com bons olhos as religiões organizadas, os agrupamentos políticos ou qualquer outra sociedade votada à coesão dos seus membros ou a princípios filantrópicos deliberados. É dessa questão fundamental que parte um outro aspecto decisivo na economia interna do pensamento interpretativo de Petrus: é nos contornos específicos da via maçónica de que Pessoa faz a defesa, assim como em correntes de inclinação semelhante, que deve situar-se a interrogação fundamental a respeito dos motivos que levaram Pessoa a afastar-se, simultaneamente, de uma certa noção de democracia derivada da Revolução Francesa e dos paradigmas totalitários novecentistas aos quais, segundo Petrus, muitos dos seus críticos procuraram associá-lo, inadequadamente.

5. Uma interpretação do Liberalismo Pessoaano

Em *Ensaio Político*, Petrus procurou demonstrar como Pessoa, embora de formas muito distintas, nunca se deixou capturar por sistemas contrários ao marcado individualismo crítico de que a sua obra procurou ser o devido testemunho. Se no domínio do mundo económico essa opção se encontra relacionada com o afastamento de Pessoa relativamente à grande maioria das fórmulas predominantes no seu tempo, mais voltadas para a necessidade de um crescente intervencionismo do Estado, de acordo com uma nunca escondida filiação numa noção de liberalismo de matriz inglesa, voltada para a apologia da iniciativa individual e para a lei da livre concorrência⁹, a análise de Petrus é mais demorada

⁹ Petrus dedica particular atenção a um extenso documento de índole biográfica, datado de 30 de Março de 1935, no qual Pessoa se assume “Conservador do estylo inglez, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionario” (PESSOA, 2015: 292). Petrus dá considerável destaque a esta formulação, dando-lhe os contornos de uma verdadeira cisão entre Pessoa e a sua geração e de explicação eficaz para as várias interpretações do Liberalismo: “O conservador inglês não seria conservador em Portugal pela mesma razão porque um conservador português não seria jamais um conservador britânico. [...]. Por isso, a designação de liberal dentro do conservantismo, como é cognominado por Pessoa o conservador britânico, é perfeita e inteiramente explicável porque no mundo político o conservantismo inglês não aplaude nem transige com os regimes europeus reaccionários. O Liberalismo é, de resto, e na sua essência, uma doutrina profundamente conservadora – e o sufrágio popular, em que fundamentalmente assenta, um dos travões mais eficazes que opõe a investida aguerrida dos pioneiros do rasgado e impetuoso progresso democrático, capitulado, não raras vezes, de licencioso. [...] Ora a sumária análise das páginas quase ignoradas que esta antologia resgata do olvido, permite perfeitamente reivindicar para Pessoa a posição consciente que ele próprio e admiravelmente definiu nas palavras translatas” (PETRUS in PESSOA, 1951: 106-107).

quando tem de justificar a originalidade das perspectivas de Pessoa relativamente à gestão das interacções entre a população e os dirigentes políticos.

A verdade é que, como o próprio admite, o pensamento de Pessoa tem em muitos aspectos raízes arcaicas, não deixando de definir como extremamente importante a existência de uma determinada liderança efectiva, representada por uma figura dotada de algum tipo de excepcionalidade pessoal e da capacidade de a transmitir aos demais. No entanto, a imagem que Pessoa tem do povo não é, de modo algum, a de um corpo inerte totalmente subjugado a uma autoridade absoluta e totalmente alheia à percepção colectiva. É precisamente por isso que, como defende Petrus, a simpatia por “fórmulas arcaicas [...] válidas nas nações de formação política rudimentar ou ainda em gestação”, motivando alguma estupefacção dos leitores pessoanos, não poderia ser confundida com qualquer “adesão às doutrinas do poder pessoal”. A fórmula peculiar que as considerações políticas pessoanas deixam entrever aponta, portanto, para “a necessidade do governante exprimir pela sua fusão psicológica com o povo, os anseios nacionais, criando assim uma soberania popular de natureza pronunciadamente mística” (PETRUS in PESSOA, 1953b: 163).

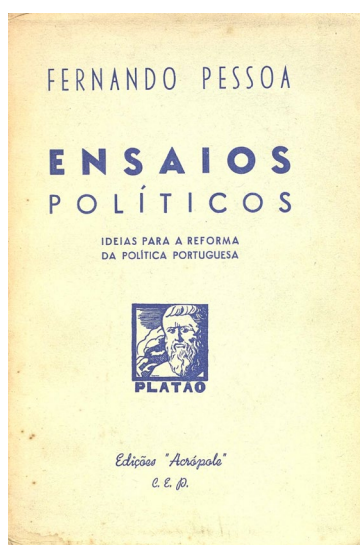


Fig. 22. Capa de *Ensaio Político*.

Embora desconhecendo os muitos textos nos quais Pessoa manifesta inequívocas reservas quanto aos partidos políticos e mesmo quanto ao conceito abstracto de Estado¹⁰, Petrus posiciona o debate precisamente no terreno em que o poeta o foi situando em numerosos fragmentos, alguns dos quais datáveis dos

¹⁰ A este respeito, as interpretações de Petrus gozam de surpreendente lucidez se atentarmos, por exemplo, nos insistentes fragmentos nos quais Pessoa procura descrever pormenorizadamente a sua leitura peculiar do Nacionalismo, e do modo como o Liberalismo corresponderia a uma expressão absolutamente adequada a essa pulsão nacionalista, chegando a cunhar o conceito de “Nacionalismo Liberal” (cf. PESSOA, 2015: 354-372).

últimos meses da sua vida: o do repúdio por sistemas nos quais os sujeitos são entendidos como meras ferramentas de uma unidade social, construída a partir de noções abstractas como a de família, a de classe ou a de Estado, em função da valorização de pulsões muito mais profundas, repercussões dos mais expressivos sintomas do inconformismo humano. Esses dois modelos, segundo Petrus, encontram eco em duas manifestações modernas: por um lado, “o homem como consciência intelectual”, excessivamente sujeito a valores abstractos e uniformizadores, definido em função do tipo de democratismo derivado da Revolução Francesa; por outro lado, uma certa “expressão do intuitivismo social [...] fruto de inspirações neetzscheanas, polarizadas pelos argonautas dum novo paganismo”, no qual o cerne da questão deveria ser uma forma renovada de descobrir e de equacionar o Homem (PETRUS in PESSOA, 1953b: 164). Essa leitura encontra-se em conformidade com o princípio que, na *Antologia A Maçonaria vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos* (1952), Petrus considera o mais persistente no pensamento crítico pessoano: “a defesa do homem através de todos os meios porque se afirma a sua liberdade” e, derivando desta, a revolta persistente contra todas as expressões de gregarismo teológico ou de estatismo ideológico, “pronunciando-se pelo primado do homem real e vivo, ser duplamente carnal e metafísico, sobre as sociolatrias organicistas que o sacrificam à miragem do homem abstracto das planificações racionalistas e saturnianas” (PETRUS in PESSOA, 1952a: 37-38).

Apesar da recorrência com que Petrus reedita o polémico texto dedicado à Maçonaria, o elemento fundamental da sua abordagem é, no essencial, o traço específico que pode observar-se no conceito de Maçonaria proposto por Pessoa e no modo como este se encontra em estreita relação com uma forma geral de compreensão da existência, assente em dois pressupostos: o absoluto e persistente desconhecimento quanto aos sentidos e aos rumos da existência individual e colectiva, espelhado num conceito de insciência através do qual a própria natureza humana é caracterizada¹¹, e a consequente necessidade de uma tolerância de acordo com a qual os constrangimentos políticos filosóficos são suplantados pela valorização do diverso e pelo debate aberto e sempre controverso dos pontos de vista. O interesse pela Maçonaria, como de resto pelas mais diversas manifestações do espírito humano, deriva de uma intrínseca afirmação pagã do pensamento de Pessoa, que faz dos acessos ao conhecimento “Pesquisa ininterrupta e sempre viva, jamais se cristaliza em dogma” (PESSOA, 1953b: 205-206).

Desse modo, o tipo de Liberalismo que Petrus atribui a Pessoa é, antes de mais, uma visão do acesso ao conhecimento e, através deste, à necessidade de o indivíduo conseguir distanciar-se de perspectivas do Democratismo nas quais o foco não está no ser humano individual nos contributos que a sua opinião e as suas

¹¹ A respeito do entendimento pessoano da singularidade superior da insciência humana, cf. SOUSA (2017: 372-392).

pesquisas poderão vir a ter numa visão mais ampla e consistente da cultura a que pertence e para cujos desenvolvimentos poderá contribuir activamente, mas num convite à renúncia. É ao nível de uma forma doente de interpretar e sobretudo de dar a ver ao conjunto da sociedade os pressupostos da Democracia e dos efeitos da autoridade política na experiência desta que Petrus situa o diagnóstico pessoano:

Se os regimes democráticos [...] tivessem levado até às últimas consequências os seus objectivos políticos, [...] teriam resolvido o problema fundamental do homem, erguendo-o para a Liberdade, como ser vinculado à consciência duma cultura, e, portanto, emancipado de vez da superstição, do analfabetismo, da escravidão económica e de todas as relações de dependência que o colocavam abaixo da Civilização.

(PETRUS in PESSOA, 1954: 158-159)

A transformação das sociedades modernas deveria ter assentado na conversão da cultura em princípio fundamental da unidade dos membros de uma comunidade, e portanto, na valorização activa dos acrescentos que cada indivíduo poderia vir a dar se devidamente integrado num debate público liberto dos excessos derivados do Parlaentarismo e das disputas infundáveis entre partidos políticos.

É neste ponto que podem retomar-se as considerações de Petrus a respeito do conservantismo de matriz inglesa assumido pelo próprio Pessoa no documento de Março de 1935 já referido. É fundamental resgatar a intuição de Petrus, que isola Pessoa do panorama geral da sua geração, incluindo, implicitamente, os demais representantes do *Orpheu*, tendo por base as inclinações assumidas no último ano da sua vida, tomadas como chave de leitura para todos os diferentes momentos da sua afirmação pública: “Pessoa despiu-se de tudo que na sua geração fora a arma fundamental de ataque ao mundo vulgar criado pelo bom senso burguez, o riso e a chufa do histrionismo literário que, inspirado primeiro pelos criadores de novas estéticas e novas linguagens plásticas, evoluiu através do Fascismo, para as paradas bélicas e para o histrionismo político” (PETRUS in PESSOA, 1951b: 106).

Ora, deve acentuar-se que “despir-se” de certos mecanismos e processos não corresponde, de modo algum, a fugir ao combate necessário ao paradigma dominante, responsável pela edificação do Democratismo criticado por Pessoa, aquele que, por um lado, impede a manifestação salutar dos pontos de vista enraizados no fundo cultural comum para o procurar submergir numa explicação definitiva e teleológica do percurso das sociedades; e, por outro, permite o desenvolvimento pouco esclarecido de supostas alternativas cujas raízes se encontram na mesma diluição do pensamento individual num suposto triunfalismo massificado. O impacto de Pessoa na cultura do seu tempo é também resultante da defesa acérrima de valores e princípios olvidados ou pouco valorizados, mas que, de algum modo, respeitavam o mais persistente de uma cultura ocidental tomada de assalto por um conjunto de totalitarismos adversos, distintos, mas de signo idêntico:

O Estado Liberal restringindo a sua actividade a sua órbita política pode pelo imposto, pela educação e pelas obras públicas, conduzir perfeitamente as colectividades aos destinos superiores da Civilização, sem recorrer a standardização das necessidades e dos recursos, quer espirituais, quer materiais.

Fernando Pessoa publicando os seus estudos num momento em que o Liberalismo sofria no Mundo um eclipse quase total, prestou assim a maior homenagem que a esse repellido conceito de vida se podia prestar, patenteando-lhe os benefícios quando, irreflectidamente ou não, todos os povos lhe voltavam as costas.

(PETRUS in PESSOA, 1951b: 109)

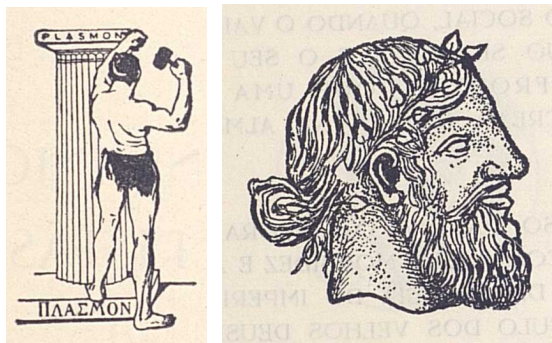
É numa cultura habituada a dialogar com o distinto, medindo-o como manifestação potencial da aventura humana, mas também a valorizar a civilização que permitiu esse sentido crítico, que Petrus situa a singularidade geracional do Liberalismo pessoano, verdadeiro barómetro dos efeitos das diferentes correntes. Essa interpretação faz desse Liberalismo uma outra faceta da poliédrica visão pessoana da cultura, entendida, essencialmente, como um universal diálogo dinâmico entre permanências, actualizações e metamorfoses:

Por outro lado, o seu liberalismo era filho do seu universalismo. Outra faceta que se não deve olvidar. O Liberalismo é efectivamente a política da porta aberta- não oprime ninguém e respeita os seus próprios adversários.

Fernando Pessoa que sempre procurou o Universal, quer na criação literária, quer nos estótes do seu patriotismo comovido e apoteótico – não podia deixar de reconhecer que só a Liberdade conduz ao Universal.

(PETRUS in PESSOA, 1951b: 109)

Leitura que coincide com outro elemento fundamental, a que gostarei ainda de dedicar a devida atenção: o modo como Petrus inscreve a sua crítica persistente aos críticos focados na suposta simpatia de Pessoa pelo fascismo na compreensão do embate entre dois tradicionalismos, o de matriz cristã, comum aos vários sistemas por si combatidos, incluindo o do Estado Novo, e um outro tipo de tradicionalismo, esse sim nunca recusado por Pessoa: o ancestral universo de cultura representado pela antiguidade pagã.



Figs. 23 e 24. Pormenor de duas das imagens utilizadas por Petrus para ilustrar as suas antologias, evidenciando a importância da tradição greco-latina no pensamento de Pessoa.

6. O tradicionalismo singular de Fernando Pessoa

De facto, o pensamento de Petrus tende a dirigir os domínios de que se socorre para pensar o caso pessoano para o contraponto coerente entre dois entendimentos da soberania experimental do pensamento humano, tendo a opção por um deles consequências fundamentais ao nível da sua poética, entendida em sentido lato, dado que influencia tanto as propostas de ordem política, religiosa, sociológica ou filosófica como determina a opção por um discurso poliédrico, plasmado na opção pela diversidade do discurso heteronímico. No texto com que abre a sua edição de *O Banqueiro Anarquista*, “Aos Estetas”, Petrus isola Pessoa, acentuando a sua faculdade única no quadro do pensamento crítico português para não só ser capaz de compreender que os rumos do devir intelectual podem sofrer crises e inflexões nas quais importa atentar – como ocorreu com os mais representativos valores da tradição crítica portuguesa, de José Agostinho de Macedo aos representantes do Surrealismo e do Existencialismo, movimentos contemporâneos do próprio Petrus e aos quais este dedicou também alguma atenção¹² –, mas também para manter um espírito aberto à isenção.

Esse estatuto, próprio de “pensadores universais que sem tomar decisivo partido por uma doutrina ou por uma posição filosófica ou social, esmiúcem ou esgotem a sua substância, e ora se arvorem em seus apologistas, ora em seus críticos” – define uma verdadeira atitude mental e, com ela, uma postura essencial face à própria civilização (PETRUS in PESSOA, 1966: 11). Que começara a ser delimitada por Petrus desde as primeiras antologias dedicadas ao complexo pensamento pessoano e aos contributos que este poderia ter tido no panorama cultural português, caso os seus textos não fossem silenciados ou, em muitos casos, lidos de forma inadequada, truncados ou colocados ao serviço de doutrinas com um fluxo determinado e balizas estreitas. E que tem um dos seus expoentes naquela que será, provavelmente, a mais complexa tentativa, por parte de Petrus, de ler em leque o problema da heteronímia pessoana, tendencialmente lida como manifestação de uma intelectual, *A Apologia do Paganismo* (1957). Nesse volume, que reúne Caeiro, Campos, Reis, Mora e textos ortónimos dedicados reflexão acerca do Cristianismo ou considerados mesmo heréticos –, Petrus deu a conhecer o sentido profundo do tradicionalismo pessoano: um respeito, ou mais propriamente um justo reconhecimento, pelas raízes mais fecundas da civilização europeia.

¹² Esta atenção aos movimentos vanguardistas contemporâneos tem o seu pináculo na ainda hoje indispensável recolha de manifestos e panfletos, em seis volumes, *Os Modernistas*, conforme pode perceber-se pelo escopo cronológico que os estrutura: vol. I – Do *Orpheu* à *Presença*; vol. II – Da *Presença* aos Surrealistas; vol. III – Dos Independentes aos Surrealistas; vol. IV – Dos Surrealistas aos Abstractos (sátiras, diatribes e críticas de Arte Moderna); vol. V – Tempos actuais e prismas críticos; vol. VI – Prismas críticos: Diatribes e Zargunchadas: Anti-modernistas.

* ITINERÁRIO *	
1.ª PARTE	
O FENÓMENO RELIGIOSO	
Análise Espectral da Religião — A Metaphysica — Ideação Metaphysica e Transcendentalismo Pantheista — Os Três Idealismos Inspiradores da Vida: O Christão, o Budista e o Hellenico — O Ideal e a Imperfeição da Vida — O Espiritualismo — A Forma Catholica do Espiritualismo e o Espiritualismo da Renascença — Cristo e Jesus — O Protestantismo — A Religiosidade Catholica na Poesia — O Divino no Paganismo.	5-34
2.ª PARTE	
AS ORDENS INICIÁTICAS CHRISTÃS	
A Maçonaria e o Christianismo — A Cabala Christianizada — Ordens Iniciáticas — A Maçonaria e a Companhia de Jesus — A Fraternidade dos Rosacrucios.	35-40
3.ª PARTE	
O IDEALISMO SOCIAL CHRISTÃO	
As Doutrinas Altruistas — Humanitarismo Christão — O Idealismo Social Christão — Misticismo Político — Agremiações Políticas Mysticas — Ideologismo Liberal.	41-45
4.ª PARTE	
O CATHOLICISMO PORTUGUÊS	
O Catholicismo Português — Reacção do Catholicismo contra a Liberdade de Especulação — A Igreja Catholica e a Tradição Religiosa em Portugal — A Esterilidade do Catholicismo.	47-52
137	
5.ª PARTE	
A EXTIRPAÇÃO CIRURGICA DO CHRISTIANISMO	53-66
6.ª PARTE	
ODES PAGÃS	67-76
7.ª PARTE	
POEMAS HERÉTICOS	77-85
8.ª PARTE	
POESIAS PANTHEISTAS	89-98
9.ª PARTE	
ANTOLOGIA GREGA	99-102
10.ª PARTE	
MEDITAÇÃO SOBRE OS DEUSES E O DESTINO	103-106
11.ª PARTE	
TESTAMENTO ANTI-CATHOLICO ROMANO	
Nacionalismo Mystico Anti-Catholico — O Franciscanismo e o Espirito Ocidental — Caminhos para o Oculto — O Teosolismo e o Mistério da Vida — Profissão de Fé	107-111
12.ª PARTE	
RESSURREIÇÃO DO PAGANISMO	113-116
13.ª PARTE	
A INVASÃO NEGRA DO CHRISTISMO	117-120
14.ª PARTE	
A PERSONALIDADE DE FERNANDO PESSOA NO MUNDO CULTURAL PORTUGUÊS	121-136
LÁPIDES	139
138	

Figs. 25 e 26. O complexo "Itinerário" de *Apologia do Paganismo*.

Esse peculiar tradicionalismo descrito por Petrus reside, no essencial, na mesma dinâmica subjacente ao espírito liberal de matriz anglo-saxónica: a conciliação entre "uma corrente profunda que os tempos não apagaram" e a experiência específica de cada contexto, através de (re) actualizações pertinentes de princípios ignorados pela cultura oficial. Esse dinamismo transversal a toda a alma europeia é intrinsecamente pagão, implicando um mútuo compromisso entre forças supra-humanas e o modo como estas podem ser revisitadas pela originalidade individual:

Este ideal pagão, como o Prometeu da fábula grega, é um renovador incessante das forças vitais que medram na Natureza. O sentido da criação e da inspiração faz dos humanos agentes activos do Universo. Dilata, por consequência, as possibilidades do homem. E desta arte, este deixou de ser o barro modelado pelo Divino para ele próprio ser fogo sagrado e criador.

(PETRUS in PESSOA, 1957: 123-124)

É à luz dessa fonte primordial, que transcende o sentido habitual da leitura da sua obra e as abusivas interpretações que dela se foram fazendo, em particular no que respeita ao problema dos heterónimos, que Petrus propõe a diferença entre o tradicionalismo redutor associado ao Estado Novo, fundado em valores circunscritos e em interpretações contextualizantes, e um outro tradicionalismo trans-histórico, comum a diferentes momentos do devir humano através da pluralidade de uma mitologia, tendo como referente não os contextos, mas as "forças inconscientes e potentíssimas" que os antecedem e os envolvem. Na

economia interna deste argumento, o princípio cristão, estruturante do regime totalitário vigente, ao qual Pessoa havia sido erradamente associado, é uma das faces de um desacordo desnecessário e contraproducente entre o Homem e as potências que conferem sentido à sua experiência vital. O Cristianismo surge como “processo de racionalização”, cabendo ao Paganismo uma correspondência muito mais saudável e pertinente com a Natureza, verdadeira fonte de desconhecido e imponderável em diálogo com a qual o ser humano se foi assumindo como reflexo criativamente dinâmico de uma perpetuação (PETRUS in PESSOA, 1957: 125). Trata-se de uma verdadeira forma de o indivíduo se situar perante os acidentes históricos e as suas marcas demasiado contextualizadas, assumindo para si simultaneamente o estatuto criticamente neutral de grande analista dos rumos civilizacionais e a plenitude superior da crença numa forma idealista de interpretação do ser humano, apta a resistir às imponderabilidades do contingente e ao devir das civilizações humanas. Petrus já descrevera exemplarmente essa relação singular com a temporalidade, no posfácio às *Crónicas Intemporais*, para se distanciar das limitações hermenêuticas dos grandes exegetas pessoanos, incluindo Gaspar Simões:

O tempo não influi sensivelmente nas ideias políticas de Pessoa. [...] Como todos os idealistas, não era certamente insensível aos desenganos e às vis traições da Vida, mas como sucede, em regra, a esta rara espécie de homens – flores eleitas da seara do pensamento humano –, e com ele sucedia, superam-nos e jamais abdicam. Estão acima dos acontecimentos, porque os vêem intemporalmente como simples jogos de forças que não são cegas, porque na História não há a fatalidade cega da Morte mas a consciência vigilante do Pensamento – e, por isso mesmo, as suas acções e reacções são canalizáveis e susceptíveis, por consequência, de serem dominadas pelas forças espirituais.

O Ideal que não vence hoje, pode vencer amanhã e é efectivamente o que a História regista.

(PETRUS in PESSOA, 1952b: 101)

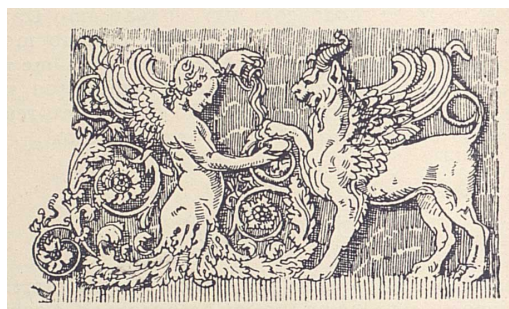
O contraponto entre Razão e Natureza conduz, também, ao embate entre duas outras noções centrais na argumentação de Petrus, a Civilização e a História. É do lado do segundo desses elementos que a obra de Pessoa é colocada, dando aos seus múltiplos exercícios intelectuais o cariz de uma “introspecção histórica” – totalmente desprovida de certezas definitivas, ao abrigo do interesse e da confiança inabaláveis no “claro-escuro das lendas e das profecias”, verdadeira ponte de contacto entre os ecos de uma infinidade de passados e um futuro que, imprevisível, deveria valorizar acima de tudo a autonomia do espírito humano. É através do caso de *Mensagem*, por exemplo, que Petrus define o que em Pessoa se encontra do lado produtivo da cultura humana:

A verdadeira significação da “Mensagem” é ocultista. É o fio que reata nas Idades que correm o Passado, cheio de irrevelada e obscura significação, com o Futuro desconhecido que fatalmente valorizará as Raças em que se não tenha perdido o sentido antiquíssimo do

domínio e da Força Mental. Sem ela não há força política. Não há obra. Os povos descem até se escravizarem à Civilização. A Civilização é, por isso, uma nova forma de feudalismo. O Homem para ser livre e completo tem de lutar contra a Civilização. A Civilização não é Cultura. Chega mesmo a empobrecê-la. O Homem, eis o que está no fundo da História.

(PETRUS in PESSOA, 1957: 126)

Petrus aproxima-se da valorização pessoana das grandes figuras históricas, vendo nestas genuínas manifestações criadoras desse incessante reencontro do Homem consigo mesmo, em deriva acentuada relativamente ao rumo desumanizado da “teologia científica” produtora da figura do homem massificado. Essa apologia da singularidade, transportando consigo o respeito pela diversidade das energias naturais expressas através da ampla galeria dos Deuses, é em si mesma uma afronta a tudo aquilo que o ideal cristão trouxera ao Ocidente: “a humanidade criada por Cristo longe de regenerar a Vida – forçou-a a desviar-se do seu ciclo biológico. Os homens passaram a ser guiados pela razão, pela disciplina fria e pela vontade de sofrer e de fazer sofrer. Foram-se os Deuses, vieram os Santos. A capacidade de criar foi suplantada pela apetência do Sofrimento, activo e passivo” (PETRUS in PESSOA, 1957: 127).



Figs. 27 e 28. Imagens ilustrativas dos capítulos “O Catolicismo Português” e “Ressurreição do Paganismo” (*Apologia do Paganismo*).

Ora, importa-nos reter, em conclusão, uma outra tese de Petrus que se cruza com a interpretação pessoana da cultura portuguesa e das suas continuidades profundas. Considerando Petrus que o fundo íntimo do povo português mantivera ao longo dos séculos um contacto privilegiado com as mais produtivas raízes europeias, resistindo desse modo aos desvios impostos pelo jugo cristão, é na Renascença que toda essa experiência subconsciente se afirma e dimensiona:

A mensagem que se lê na bárbara euforia das canções medievais, nas bailias campestres no riso do truão e nos escarninhos dizeres dos poetas soltos dos Cancioneiros de Quinhentos, alcança um estilo de grande eloquência, nos principais escritores da Renascença e, em especial, em Camões, em cuja obra a voluptuosidade do ideal pagão e a sua titânica

expressão de plenitude humana, ganha uma grandeza que nos transporta aos mais áureos tempos da Antiguidade.

Este sentimento de plenitude física que se projecta na Literatura da expansão, recolhe a experiência das navegações e descobertas e ergue-se como um símbolo ecumênico [...], como padrão da humanidade que até ao fundo das suas reservas explora toda a sua capacidade de criar, de viver, e de dominar o Destino.

(PETRUS in PESSOA, 1957: 131)

É na esteira dessa interpretação pagã do percurso evolutivo da cultura portuguesa que a figura de Pessoa é situada. Depois de um período de ruptura com esse passado criador, o século XIX conduziu a um “longo processo de reabilitação do Paganismo na sua força de expansão humana, de realização do homem no complexo dos seus sentimentos, instintos e capacidades criadoras”, cabendo à multifacetada obra pessoana o patamar superlativo dessa procura (PETRUS in PESSOA, 1957: 134). O que isola Pessoa da tradição cultural portuguesa, singularizando-o no quadro das mais produtivas manifestações de uma Literatura, é a dimensão anti-cristã do seu pensamento. Se recordarmos que Petrus definiu o Cristianismo como um exemplo decisivo de um princípio de racionalização normalizadora contrária ao fulgor intempestivo do Paganismo, essa componente anti-cristã corresponde ao ápice do entendimento da verdadeira essência pagã e espelha o território primordial da poética que Petrus considerará típica do “homem indisciplinado”.

É essa irredutível recusa de compromissos com a cristalização das energias criadoras do ser humano devidamente libertado que, descrita com precisão em *Elogio da Indisciplina* (1953), faz de ídoles como as de Pessoa expressões de uma exigência verdadeiramente perturbadora, sempre do lado menos confortável do jogo social. A desordem da pulsão indisciplinadora, correspondendo ao sentido da História na sua incapacidade de convergir com os burocráticos ritmos da Civilização (também designada como Ordem), transporta consigo o mais essencial de todo o percurso humano: “a história da civilização deve aos homens que se recusaram a aceitar as fórmulas comuns da disciplina e da ordem, os avanços máximos e os esplendores supremos, os mais trágicos horrores e as catástrofes espantosas e as fúlgidas cintilações dos heroísmos e sacrifícios imortais. Enfim a Vida e a História” (PETRUS in PESSOA, 1953a: 20).

A perplexidade relacionada com a publicação de *Mensagem* e com os textos polémicos publicados na sequência desse livro premiado pelo regime (cf. BARRETO, 2018: 289-329), nomeadamente a defesa da Maçonaria em 1935, concentra-se toda nesse problema: a “inteligência insubmissa e libertadora” de Pessoa conduz ao mesmo tempo a uma genial mistificação – “esse admirável poema herético, ocultista e profético, foi premiado como obra honrosa do nacionalismo político de raiz cristã” – e à desconfortável confusão produzida pelos seus demais textos, explicitando com outras tonalidades a dimensão herética pressentida apenas por

alguns críticos (PETRUS in PESSOA, 1957: 134). Os equívocos com que Pessoa foi lido, em síntese, traduzem-se na incapacidade de compreensão do contraste entre dois tradicionalismos. Como já deixara perceber na sua edição de *Crónicas Intemporais* (1952), na qual abordara o complexo problema do nacionalismo pessoano e das suas intrincadas interacções com as várias modalidades políticas possíveis. É por esse contraste que mais adequadamente o leitor pessoano, segundo Petrus, poderia alcançar a chave fundamental. A resposta residiria, portanto, menos na valorização de um dos episódios – a adesão aparente ao Sidonismo ou a sua peculiar visão do Sebastianismo, por exemplo – do que na sombra profunda detectada em todos eles e tendencialmente ignorada, por conveniências várias: “Mas gerou-se publicamente a falsa crenças do seu tradicionalismo – esquecendo-se que se ele existisse teríamos de o aceitar como anti-cristão, helénico e pagão, isto é, inteiramente divorciado do tradicionalismo ocidental, que remonta à Igreja e não a civilização anterior” (PETRUS in PESSOA, 1952b: 26).

7. Anexo. Índices de obras editadas por Petrus.

Análise da Vida Mental Portuguesa (1950)

INTRODUÇÃO

PÁGS.

TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA PERSONALIDADE MORAL E LITERÁRIA DE
FERNANDO PESSOA POR ELE PRÓPRIO

§ 1º — Traços Biográficos. § 2º — Traços Psicológicos. § 3º —
Personalidade Literária. § 4º — Poder Criador e Processos de
Trabalho. § — 5º Gênese do Heteronimismo de Fernando Pessoa.
§ 6º — Formação Cultural. § 7º — Influências Literárias. § 8º —
Produções Literárias

5-43

TEMAS

DEFICIÊNCIA DE IMAGINAÇÃO DUM POVO IMAGINATIVO	45-49
O EXCESSO DE DISCIPLINA COMO DISSOLVENTE NACIONAL	51-56
O PROVINCIANISMO PORTUGUÊS	57-63
O CASO MENTAL PORTUGUÊS	65-77
INDISPOSIÇÃO CULTURAL NATIVA	79-81
O CATOLICISMO PORTUGUÊS	83-86
A OPINIÃO PÚBLICA EM PORTUGAL	87-91
A ATITUDE MENTAL PARA A REGENERAÇÃO DA PÁTRIA	93-96
RETROSPECTIVA HISTÓRICA E POLÍTICA COM VISTA À RECONSTRUÇÃO NACIONAL	97-106
COMO REAGIR CONTRA A ESTAGNAÇÃO NACIONAL	107-110
A CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA ENTRE O PASSADO E O FUTURO.	
SUPLEMENTO À ANÁLISE DA VIDA MENTAL PORTUGUESA	1-12

O Encoberto. Poema que em Versos Lusiadas Compoz Fernando Pessoa (1950)

RELAÇÃO DOS POEMAS QUE SE CONTÊM NO PRÓLOGO E DIVISÕES DESTA OBRA

PRÓLOGO	3-4
ORAÇÃO SEBASTIANISTA <i>por Teixeira de Pascoaes</i>	3
CANTO DO REI ESPERANÇOSO <i>por Luiz de Montalvor</i>	4

O ENCOBERTO *por Fernando Pessoa*

DIVISÃO I

OS SYMBOLOS

I – D. Sebastião	5
II – O Quinto Império	5
III – O Desejado	6
IV – As Ilhas Afortunadas	7
V – O Encoberto	8

DIVISÃO II

OS AVISOS

I – O Bandarra	9
II – António Vieira	9
III – Quando virás...	10

DIVISÃO III

OS TEMPOS

I – Noite	11
II – Tormenta	12
III – Calma	13
IV – Antemanhã	14
V – Nevoeiro	14

Apreciações Literárias (1951)

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA	5
---------------------------------	---

1

APRECIAÇÕES LITERÁRIAS

1 O INQUÉRITO LITERÁRIO	11
2 ORPHEU	15
3 MOVIMENTO SENSACIONISTA	23
4 O VARRE CANELHAS	31
5 POEMAS (de Luís de Montalvor)	33
6 POEMAS (de Paulino de Oliveira)	37
7 A ROMARIA	41
8 O DESAPARECIDO	43
9 AMOR DE OUTONO	45

2

TRÊS ELEITOS DAS MUSAS

1 ANTÓNIO NOBRE	51
2 MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO	55
3 ANTÓNIO BOTTO	63
4 ANTÓNIO BOTTO E O IDEAL ESTHETICO EM PORTUGAL	65
5 ANTÓNIO BOTTO E O IDEAL ESTHETICO CREADOR	107
6 O LIRISMO E A PAIXÃO EM ANTÓNIO BOTTO	131
7 ANTÓNIO – NOVELA DRAMÁTICA	139
8 A ARTE DE ANTÓNIO BOTTO	151

3

POESIA, ESTHETICA E PHILOSOFIA

O MOVIMENTO LITERÁRIO DA RENASCENÇA PORTUGUESA	155
--	-----

4

SYLVA JOCOSA E ACERBA

1 NOVAS PUBLICAÇÕES LITRÁRIAS	183
2 COISAS ESTILISTICAS	187
3 NAUFRÁGIO DE BARTHOLOMEU	192

OUTRAS PALAVRAS DE FERNANDO PESSOA	17, 36, 39, 62, 85, 98, 138, 150 e 182
------------------------------------	--

MARGINÁLIA

LITERATURA DE SODOMA (por Álvaro Maia)	87
COMENTÁRIOS, NOTAS E APONTAMENTOS DE PETRUS	14, 20 e 98
VINHETAS DOS SÉCULOS XVII E XX E DESENHO DE ALMADA NEGREIROS. COLOFON	199

Sociologia do Comércio (1951)

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA	5
PALAVRAS INICIAIS	7

TEMAS

1. A EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO	11
2. A ESSÊNCIA DO COMÉRCIO	33
3. AS ALGEMAS	45
4. RÉGIE, MONOPÓLIO, LIBERDADE	65
5. ORGANISAR	87

MÁXIMAS SOCIOLOGICAS	10, 32, 44, 86 e 98
NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS	12, 34, 46, 66 88
POSFÁCIO	100
EXTRA-TEXTO	
<i>Portrait-charge do Pintor Rodriguez Catañé</i>	

Ultimatum de Alvaro de Campos Sensacionista (1951)

ULTIMATUM, por Fernando Pessoa [Excerto da carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 19 de Janeiro de 1915]	4
[NOTA INTRODUTÓRIA], por Petrus	5
ULTIMATUM de Alvaro de Campos (Separata do <i>Portugal Futurista</i>)	7
O QUE É A METAPHYSICA [Excerto], Alvaro de Campos	32

Ultimatum de Alvaro de Campos Sensacionista (1951)

[Reprodução fac-similada da portada da 1ª edição]	1
[NOTA INTRODUTÓRIA], por Petrus	2
ULTIMATUM DE ALVARO DE CAMPOS	5
O QUE É A METAPHYSICA [Excerto], Alvaro de Campos	23

Antologia A Maçonaria (1952)

A MAÇONARIA vista por Fernando Pessoa	1-22
DAS ORIGENS DA MAÇONARIA E ESSÊNCIA DA MAÇONARIA E DO SEU CONTRIBUTO	23-29
INICIAÇÃO	30
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA	33-38
A MAÇONARIA vista por Norton de Matos	39-50

Defesa da Maçonaria (1952)

A MAÇONARIA	5
DAS ORIGENS E ESSÊNCIA DA MAÇONARIA E DO SEU CONTRIBUTO JUDAICO	25
INICIAÇÃO	32
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA, por Petrus	33

Crónicas Intemporais (1952)

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA	5
---------------------------------	---

1ª PARTE

CRÓNICAS INTEMPORAIS

1 DO CONTRADITÓRIO COMO TERAPÊUTICA DE LIBERTAÇÃO	11
2 A ILUSÃO POLÍTICA DAS GRANDES MANIFESTAÇÕES POPULARES	15
3 A TRAIÇÃO COMO QUESTÃO FILOSÓFICA	19
4 CONSIDERAÇÕES À MARGEM DA INDÚSTRIA MONÁRQUICA	23
5 DEFICIÊNCIA DE IMAGINAÇÃO DAS IMAGINAÇÕES EXCESSIVAS	29
6 A DOENÇA DA DISCIPLINA	33
7 O PRECONCEITO DA ORDEM	37

2ª PARTE 49-86

PENSAMENTO POLÍTICO DE FERNANDO PESSOA

Posição Política – Constitucionalismo – Nova Fórmula Social – Republicanismo – República Aristocrática – Novo Conceito de Democracia – As Desigualdades Sociais – O Falso Dogma da Ditadura Proletária – Da Acção Política como Criadora da Liberdade – Portugal Político – Crítica da Democracia Burguesa – Tradicionalismo e Progressivismo – O Laicismo Cristão – Pilares do Democratismo Burguês – Localização da Opinião Pública – Carácter Anti-Social do Sufrágio Político – Carácter Anti-Popular da Democracia Individualista – Condenação do Altruísmo Social – Instintivismo Social e Sentimento Patriótico – Falsidade dos Princípios Anti-Egoístas – Dilema do Liberalismo – Pacifismo e Anti-Patriotismo – Condenação da Democracia Liberal Cristã – Manifestações da Opinião Pública – A Revolução e o Sentimento Nacional – Democracia e Ditadura – Povo e Aristocracia – A Crise Política Nacional – Portuguesismo Anti-Nacionalista – Ausência de Ideal e Divisão Nacional – Estado, Sociedade e Nação – O Povo como

Mito Sociológico –Patriotismo Tradicionalista – Comunismo – Ideologia Política –
Posição Patriótica Posição Social – Mensagem Derradeira.

3ª PARTE 87-190

GUERRA JUNQUEIRO NA LITERATURA NACIONAL E A POESIA SUPER-LÍRICA MODERNA

APONTAMENTOS 10, 18, 22, 26, 44

NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS 14, 17, 21, 25, 32, 36, 43 e 83

CONSIDERAÇÕES FINAIS [91]

CÓLOFON 115

Iconografia de Fernando Pessoa

DESENHO DE CARLOS RIBEIRO 27

Em Extra-Texto

PORTRAIT-CHARGE DE RODRIGUEZ CASTAÑÉ

DESENHO DE STUART CARVALHAIS

Poemas Ocultistas (1952)

TÁBUA DOS POEMAS

Iniciação 3

Natal 4

Eros e Psique 5

Abismo 8

Passos da Cruz

Sonetos VI, X, XI, XIII, XIV 9-13

Meu Pensamento 15

Em Mim 17

Monólogo na Noite 22

Monólogo nas Trevas 23

Gládio 25

Ode (Ricardo Reis) 28

“Meditação Fáustica” 29

No Túmulo de Christian Rosencreutz 31

O Último Sortilégio 35

Gomes Leal 37

O Encoberto 38

“Sombra Amada” 39

A Morte 42

Dernogorgon (Alvaro de Campos) 43

Hino a Pã (Aleister Crowley)	44
Súbita mão de algum fantasma oculto	7
Grandes mistérios habitam	14
Já estão em mim exaustos	18
Não meu, não meu é quanto escrevo	19
Ah, tudo é símbolo e analogia	20
Do eterno erro na eterna viagem	21
Ó naus felizes, que do mar vago	24
Nos vastos céus estrelados	26
O segredo da Busca é que não se acha	27
Neste mundo em que esquecemos	34

Elogio da Indisciplina (1953)

A DOENÇA DA DISCIPLINA	5-8
O PRECONCEITO DA ORDEM	9-15
APONTAMENTO	16-17
REFLEXÕES SOBRE A INDISCIPLINA COMO FORÇA DE RENOVAÇÃO SOCIAL	19-22
ICONOGRAFIA	
Desenho do Pintor Manuel Lapa publicado no Livro “Portugal”	18
Desenho de Carlos Ribeiro publicado na obra “Cartas de Fernando Pessoa”	23

Poemas Insubmissos (1953)

LIBERDADE	27
AH, A FRESCURA NA FACE DE NÃO CUMPRIR UM DEVER! (ALVARO DE CAMPOS)	28
APOSTILA (ALVARO DE CAMPOS)	29-30
O TER DEVERES, QUE PROLIXA COISA! (ALVARO DE CAMPOS)	31
GAZETILHA (ALVARO DE CAMPOS)	32
MARINETTI, ACADÉMICO	33
AOS DEUSES PEÇO SÓ QUE ME CONCEDAM (RICARDO REIS)	34
NÃO SÓ QUEM NOS ODEIA OU NOS INVEJA (RICARDO REIS)	34
NÃO QUERO CLOE, TEU AMOR, QUE OPRIME (RICARDO REIS)	34
QUERO DOS DEUSES SÓ QUE ME NÃO LEMBREM (RICARDO REIS)	35
NUNCA A ALHEIA VONTADE, INDA QUE GRATA (RICARDO REIS)	35
OS DEUSES E OS MESSIAS QUE SÃO DEUSES (RICARDO REIS)	35

Hiram. Filosofia Religiosa e Ciências Ocultas (1953)

BIBLIOGRAFIA DE PESSOA	5
TEMAS	
1 A IDENTIDADE JUDAICA E A DESINTEGRAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ	9-28
2 AS ASSOCIAÇÕES SECRETAS	29-50
DOCUMENTÁRIO	
1 JOSÉ CABRAL – Chove no Templo	51-59
2 ALFREDO PIMENTA – A Verdade sobre a Franco-Maçonaria	60-64
3 FERNANDO DE SOUSA – Mensagem Pró-Maçonaria	65-68
4 ARTUR BIVAR – O Pavão Maçónico	69-86
5 BRUNO – Maçonaria	87-92
3 CAMINHOS PARA O OCULTO	
1 – Caminhos para o Oculto. 2 – O Teosofismo e o Mistério da Vida	
3 – Posição do Espiritismo perante a Teosofia. 4 – Fraternidade Astral.	
5 – Comunicações e Visões Mediúnicas. 6 – Fernando Pessoa Perante o Invisível.	95-107
4 POEMAS OCULTISTAS	109-152
5 MARGINÁLIA	154-168
CARTA DE FERNANDO PESSOA	154
1 THOMAZ RIBEIRO COLAÇO – O Elogio da Maçonaria	155-160
2 MANUEL MAIA PINTO – Um Depoimento Maçónico	161-165
3. ROLÃO PRETO – Não!	
6 CONSIDERAÇÕES TEOSÓFICAS	
1 – Os Sete Estados da Matéria. 2 – Cristo e Jesus. 3 – Os Seres Superiores que Dirigem o Mundo. 4 – O Casamento à Luz da Teosofia.	169-173
7. OS MISTÉRIOS DA CREAÇÃO LITERÁRIA	175-180
8. A INFILTRAÇÃO JUDAICA NA CULTURA OCIDENTAL	181-191
9. BREVE DIGRESSÃO SOBRE OS TEMAS TRATADOS (por Petrus)	193-226
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS	9, 30, 94, 170, 176 e 182

ICONOGRAFIA

Desenho de Manuel Lapa

Desenho de Carlos Libeiro

COLOFONE

231

***O Interregno. Defeza Justificação da
Dictadura Militar em Portugal (1953)***

O INTERREGNO

1 PRIMEIRO AVISO 5

2 PRIMEIRA JUSTIFICAÇÃO DA DITADURA MILITAR 9

3 SEGUNDA JUSTIFICAÇÃO DA DITADURA MILITAR 13

4 TERCEIRA JUSTIFICAÇÃO DA DITADURA MILITAR 27

5 O SEGUNDO AVISO 43

CORRIGENDA 48

COLOFON 49

***Ensaio Político. Ideias para a
Reforma da Política Portuguesa (1954)***

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA 6

ENSAIOS

1 COMO ORGANIZAR PORTUGAL 9-32

2 A OPINIÃO PÚBLICA 33-71

3 O INTERREGNO 73-118

4 A HUMANIDADE DOS ENGENHEIROS 123-136

De Petrus

CONSIDERAÇÕES POLÍTICAS 137-164

COMENTÁRIO 119-121

CORRIGENDA 165-166

Distância Constelada (1955)

NO LIMIAR (Petrus)	5-8
ROTEIRO LÍRICO	
QUANDO ELA PASSA	9
SONHOS DENTRO DE SONHOS	10
MONÓLOGO DA MORTE	11
ANÁLISE	12
A INOCÊNCIA PERDIDA	13
PEQUENO POEMA	13
SUSPIRO DO MUNDO	14
QUERO FUGIR AO MISTÉRIO	14
PAUIS	15
ELFOS OU GNOMOS TOCAM?...	16
TENHO DICTO TANTAS VEZES	
O PASSADO	
SERENA VOZ IMPERFEITA, ELEITA	17
COMO A NOITE É LONGA	18
BATE A LUZ NO CIMO	19
VAI REDONDA E ALTA	20
SABER? QUE SEI EU?	22
SOPRA DE MAIS O VENTO	23
CHOVE?... NENHUMA CHUVA CAI...	24
A CEIFEIRA	25
MEU PENSAMENTO É UM RIO SUBTERRÂNEO	27
DÓI-ME NO QUE DESEJO...	28
AMEAÇOU CHUVA...	29
ALÉM-DEUS	
I. Abysmo	30
II. Passou	31
III. A Voz de Deus	32
IV. A Queda	33
V. Braço sem Corpo Brandindo um Gládio	34
TROIS CHANSONS MORTES	35
MAR PORTUGUÊS	
Ironia	38
SACADURA CABRAL	39
A MINHA VIDA É UM BARCO ABANDONADO	40
ENTRE O BATER RASGADO DOS PENDÕES	41

SPELL	42
ENCANTAMENTO (Interpretação de Luiz Cardim)	43
A VIDA É UM SONHO	44
AH, COMO O SOMNO É A VERDADE	45
ÀS VEZES ENTRE A TORMENTA	46
ASSIM, SEM NADA FEITO	47
GLOSA (QUEM ME ROUBOU A MINHA DOR ANTIGA)	48
CREPÚSCULO (OS DEUSES VÃO-SE COMO FORASTEIROS)	49
FRESTA	50
SEXTILHA (BOTÃO DE ROSA, MENINA)	51
ESTA ESPÉCIE DE LOUCURA	51
Ó TERRAS DE PORTUGAL	52
IMPROVISO BURLESCO	53

*Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física
(Páginas Desconhecidas) (1956)*

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA	5
ANTELÓQUIO	7
EXÓRDIO EM PROL DA EDUCAÇÃO FÍSICA	11
APONTAMENTO	25
ALGUMAS EDIÇÕES DO CENTRO EDITORIAL PORTUGUEZ	26

Apologia do Paganismo (1957)

ITINERÁRIO

1ª PARTE

O FENÓMENO RELIGIOSO

Análise Espectral da Religião – A Metaphyica – Ideação Metaphysica e Transcendentalismo Pantheista – Os Três Idealismos Inspiradores da Vida: O Christão, o Budista e o Hellenico – O Ideal e a Imperfeição da Vida – O Espiritualismo – A Forma Catholica do Espiritualismo e o Espiritualismo da

Renascença – Cristo e Jesus – O Protestantismo – A Religiosidade Catholica na Poesia – O Divino no Paganismo.	5-34
--	------

2ª PARTE

AS ORDENS INICIÁTICAS CHRISTÃS

A Maçonaria e o Christianismo – A Cabala Christianizada – Ordens Iniciáticas – A Maçonaria e a Companhia de Jesus – A Fraternidade dos Rosicrúcios.	35-40
---	-------

3ª PARTE

O IDEALISMO SOCIAL CHRISTÃO

As Doutrinas Altruistas – Humanitarismo Christão – O Idealismo Social Christão – Misticismo Político – Agremiações Políticas Mysticas – Ideologismo Liberal.	41-45
--	-------

4ª PARTE

O CATHOLICISMO PORTUGUÊS

O Catholicismo Portuguez – Reacção do Catholicismo contra a Liberdade de Especulação – A Igreja Catholica e a Tradição Religiosa em Portugal – A Esterilidade do Catholicismo.	47-52
--	-------

5ª PARTE

A EXTIRPAÇÃO CIRURGICA DO CHRISTIANISMO	53-66
---	-------

6ª PARTE

ODES PAGÃS	67-76
------------	-------

7ª PARTE

POEMAS HERÉTICOS	77-88
------------------	-------

8ª PARTE

POESIAS PANTHEISTAS	89-98
---------------------	-------

9ª PARTE

ANTOLOGIA GREGA	99-102
-----------------	--------

10ª PARTE

MEDITAÇÃO SOBRE OS DEUSES E O DESTINO	103-106
---------------------------------------	---------

11ª PARTE

TESTAMENTO ANTI-CATHOLICO ROMANO	
----------------------------------	--

Nacionalismo Mystico Anti-Catholico – O Franciscanismo e o Espírito Ocidental – Caminhos para o Oculto – O Teosofismo e o Mistério da Vida – Profissão de Fé	107-111
12ª PARTE	
RESSURREIÇÃO DO PAGANISMO	113-116
13ª PARTE	
A INVASÃO NEGRA DO CHRISTISMO	117-120
14ª PARTE	
A PERSONALIDADE DE FERNANDO PESSOA NO MUNDO CULTURAL PORTUGUÊS	121-136
LÁPIDES	139

Nas Encruzilhadas do Mundo e do Tempo (1959)

<i>Ultimatum de Fernando Pessoa – sob o nome de Alvaro de Campos, Engenheiro</i>	5-32
<i>Manifesto Anti-Dantas de Almada-Negreiros</i>	33-49
<i>Sátira Acadêmica do Pintor Bernardo Marques</i>	50
<i>Primeira Descoberta de Portugal na Europa no Século XX por Almada, poeta futurista</i>	51-56
<i>1ª Conferência Futurista, Compete Rendu por Almada-Negreiros</i>	57-59
<i>Sátira Literária – A Literatura Oficial contempla o Orpheo</i>	60
<i>Ultimatura Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX por Almada-Negreiros</i>	61-75
<i>O Elogio da Loucura – Reportagem da 1.ª Conferência Futurista (A Capital)</i>	76-79
<i>A Ideia Futurista na Ribalta, Carta de Almada Negreiros</i>	80
<i>Monumento ao Drama Humano, por Arlindo Vicente</i>	82
<i>Negreiros- Dantas, por Francisco Levita</i>	83-89

<i>Sátira Política</i> , Pelo Pintor Augusto Gomes	90
<i>Nós</i> , por António Ferro, Manifesto do Cenáculo da Vigia	91-98
<i>Aviso por Causa da Moral</i> , por Alvaro de Campos	99-102
<i>Manifesto- Anti-Presencista</i>	103-118
<i>Literatura Viva</i> , por José Régio	119-126
<i>Cartaz</i> , por Almada-Negreiros	160

Sarça Erótica (1959)

ANTÓNIO NOBRE O Amor do Sachristão	17
MANUEL TEIXEIRA GOMES Deus Ex-Máquina	23
RAUL BRANDÃO História do Batel “Vai com Deus” da sua Companhia	65
JUSTINO DE MONTALVÃO O Engerido e a Sereia	111
HENRIQUE DE VASCONCELLOS O Amor e a Morte	143
ANTÓNIO PATRÍCIO O Homem das Fontes	171
MANUEL LARANJEIRA Dor Surda	193
LEONARDO COIMBRA Histórias de Amor – O Duelo do Louco – A Desolação – Viagem Outonal – O Reencontro	221
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A Grande Sombra	243

FERNANDO PESSOA	
A Rosa de Seda	305
ALVARO DE CAMPOS	
Uma Aventura Amorosa	309
JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS	
Cinzas de Incêndio	313
MARIA ARCHER	
Eros e Pischê	361

Livro do Desassossego (Páginas Escolhidas) (1961)

Prefácio ao “Livro do Desassossego”	3
Prefácio às “Ficções do Interlúdio”	I
Bibliografia de Fernando Pessoa	VII
<i>Fernando Pessoa. Na Floresta do Alheamento</i>	9
<i>Bernardo Soares. Fragmentos do “Livro do Desassossêgo”</i>	21
<i>Vicente Guedes. Diário Lúcido</i>	49
<i>Fernando Pessoa. Dum Epistolário de Angústia</i>	55
<i>Páginas Inéditas do Barão de Teive</i>	65
<i>Dispersos e Inéditos do Livro do Desassossêgo</i>	73
<i>Petrus. Um Diário Poético</i>	85
<i>Colofone</i>	95

Almas e Estrelas. Horas Espirituais (1966)

<i>A Abrir, Petrus</i>	5
<i>Fernando Pessoa, Poeta Português, Almada Negreiros</i>	8
<i>In Memoriam de Fernando Pessoa, Luiz Montalvor</i>	11
1 <i>A Rosa de Seda. Fábula</i>	13
2 <i>O Banqueiro Anarquista. Novela</i>	16
3 <i>O Marinheiro. Drama Estático</i>	61
4 <i>Uma Aventura Amorosa. Conto</i>	109
5 <i>Narração Exacta e Comovida do que é o Conto do Vigário. Narrativa</i>	113
6 <i>História do Menino Jesus Verdadeiro. História Poética</i>	119
7 <i>A Pintura do Automóvel. Episódio Publicitário</i>	129

O Banqueiro Anarquista (1966)

BIBLIOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA	5
<i>Aos Estetas, por Petrus</i>	11
<i>O Banqueiro Anarquista, por Fernando Pessoa</i>	15
<i>O Banqueiro Anarquista. Notas, Confissões e Comentários</i>	60
<i>Nota Final, por Petrus</i>	61

O Marinheiro. Drama Estático em um Quadro (1966)

I PETRUS. <i>O Marinheiro e os Caminhos da Nova Literatura</i>	I-VII
II LUÍS SOARES. <i>Maqueta</i>	5

III NÓTULA BIBLIOGRÁFICA	6
IV FERNANDO PESSOA. <i>O MARINHEIRO</i>	7-32
V ALVARO DE CAMPOS. <i>Epigrama</i>	33
VI FERNANDO PESSOA. <i>Fragmento de uma Incompleta Versão Francesa d' O Marinheiro</i>	34
VII <i>Notas, Confissões e Comentários</i> de FERNANDO PESSOA, ANTÓNIO BUSTORF, ALFREDO GUIZADO, ANTONIO PEDRO, RAUL LEAL E LUIS FRANCISCO REBELO, ETC	35-52
VIII <i>Colofone</i>	54-55

Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Revolução Democrática (1982)

FERNANDO PESSOA NA VIDA SOCIAL PORTUGUESA	5
OS RENOVADORES DE 1932	7
AOS MEUS COMPANHEIROS MORTOS DA RENOVAÇÃO DEMOCRÁTICA E AOS POUCOS, AINDA SOBREVIVENTES, QUE POR AÍ VEGETAM	8-20
LUGARES PARALELOS ENTRE FERNANDO PESSOA (1912) E A RENOVAÇÃO DEMOCRÁTICA (1932)	21-32
SUMÁRIO DOS TEXTOS SELECIONADOS	33

8. Bibliografia

- BARRETO, José (2018). “A ‘Mensagem’ de Fernando Pessoa e o prémio de poesia do SPN de 1934”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 14, Outono, pp. 289-329. <https://doi.org/10.26300/eray-jf59>
- _____. (2015). “Apresentação”. In: Fernando Pessoa, *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 7-47.
- _____. (2011). “Posfácio”. In: Fernando Pessoa, *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição de José Barreto. Lisboa: Ática, pp. 237-288.
- MORAIS, Ricardo Belo de (2014). “Petrus, o Mais Excêntrico dos Pessoaanos”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 4, Primavera, pp. 88-102. <https://doi.org/10.7301/Z0N0150D>
- NÃO ASSINADO. “Fernando Pessoa”. *Presença*, vol. 2, n.º 47, Dezembro de 1935, p. 15. https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s1/UCBG-RP-1-5-s1_item1/P611.html
- PESSOA, Fernando (2018). *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2014). *Mensagem*. Edição Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2015). *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Edição crítica de José Barreto. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (1966). *O Banqueiro Anarquista*. Edição de Petrus. Porto: Arte e Cultura.
- _____. (1961). *Livro do Desassossego (Páginas Escolhidas)*. Edição de Petrus. Porto: Arte e Cultura.
- _____. (1957). *Apologia do Paganismo*. Edição de Petrus. Porto: Editorial Cultura.
- _____. (1955a). *Distância Constelada*. Edição de Petrus. Porto: Parnaso.
- _____. (1955b). *Exórdio em Prol da Filantropia e da Educação Física*. Edição de Petrus. Porto: Editorial Cultura.
- _____. (1954). *Ensaios Políticos: ideias para a reforma da política portuguesa*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1953a). *Elogio da Indisciplina*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1953b). *Hiram: Filosofia Religiosa e Ciências Ocultas*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1952a). *Antologia A Maçonaria Vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos*. Edição de Petrus. Porto: [s.n.], [1952]. (Porto: Almagráfica).
- _____. (1952b). *Crónicas Intemporais*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1952c). *Defesa da Maçonaria*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1951a). *Apreciações Literárias: Bosquejos e Esquemas Críticos*. Edição de Petrus. Porto: Editorial Cultura.
- _____. (1951b). *Sociologia do Comércio*. Edição de Petrus. Porto: Centro Editorial Português.
- _____. (1950). *O Encoberto. Poema que em Versos Lusíadas Compoz Fernando Pessoa*. Edição de Petrus. S.I: s.n.
- PETRUS (1982). *Afinidades políticas, religiosas e filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*. Porto: Centro Editorial Português.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). “*Livro do Desasosiego*, edição crítica”. In: *Pessoa Existe?*. Lisboa: Ática, pp. 261-282.
- PIZARRO, Jerónimo; SOUSA, Rui (2019). “A Coleção Pessoaana de Santo Tirso”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 15, Primavera, pp. 178-382. <https://doi.org/10.26300/ya99-dq40>
- SEABRA, José Augusto; GALHOZ, Maria Aliete (1997). “Nota Filológica Preliminar.” In: Fernando Pessoa, *Mensagem. Poemas Esotéricos*. Edição Crítica de José Augusto Seabra. Madrid [etc.]: Coleção Archivos; pp. XLI-LI.

- SEPÚLVEDA, Pedro (2013). "Listas do Desassossego". *MatLit. Revista do Programa de Doutoramento "Estudos Avançados em Materialidades da Literatura"*, vol. 1, n.º 1, pp. 35-55.
<http://hdl.handle.net/10316.2/29981>
- SOSA, Rui (2017). "A Ironia Sanchesiana e o Homem Superior Pessoano". In: Clara Riso, Mariana Gray de Castro, Pedro Sepúlveda & Antonio Cardiello (Orgs.), *Congresso Internacional Fernando Pessoa 2017* [Actas]. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, pp. 372-393.
https://casafernandopessoa.pt/application/files/5315/1698/3454/CFP_ACTAS_2017.pdf

RUI SOUSA (1985–) concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Publicou ensaios sobre Fernando Pessoa, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e em números recentes da *Pessoa Plural*. Colabora no projeto do CLEPUL dedicado ao estudo da Cultura Negativa, nomeadamente no *Dicionário dos Antis* (2018). Coordenou um livro dedicado ao período entre 1912 e 2012 na Literatura Portuguesa, *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, em parceria com Ernesto Rodrigues (2017). Coordenou a preparação dos Congressos Internacionais *Portugal no tempo de Fialho de Almeida* (2011) e *Surrealismo(s) em Portugal – nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Fez parte da Comissão Organizadora do Congresso *Orpheu 100* (2015).

RUI SOUSA (1985–) graduated in Portuguese Studies and obtained a Master's degree in Romanic Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He recently obtained his PhD, with a dissertation dedicated to the concept of libertine in Luiz Pacheco. He is a researcher of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (CLEPUL). He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in *Pessoa Plural* and in the anthology *1915—The Year of Orpheu* (2015), coordinated by Steffen Dix. He collaborates in a CLEPUL project dedicated to the study of Negative Culture, namely in the *Dictionary of Antis* (2018). He organized, with Ernesto Rodrigues, an anthology devoted to the period 1912-2012 in Portuguese Literature: *A Dinâmica dos Olhares—Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal* (2017). He also organized the International Congresses *Portugal no Tempo de Fialho de Almeida* (2011) and *Surrealismo(s) em Portugal—Nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Sousa also took part in organizing the *Orpheu 100* Congress (2015).